

UNIVERSIDADE PAULISTA – UNIP

ROSEMEIRE GONZALES MARTINS

**MÍDIA DIGITAL E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA:
A tragédia do Rio Grande do Sul**

SÃO PAULO

2025

ROSEMEIRE GONZALES MARTINS

**MÍDIA DIGITAL E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA:
A tragédia do Rio Grande do Sul**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação, sob orientação do Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva.

SÃO PAULO

2025

Martins, Rosemeire Gonzales.

Mídia digital e a intolerância religiosa: a tragédia do Rio Grande do Sul / Rosemeire Gonzales Martins. - 2025.
99 f. : il. color. + CD-ROM.

Dissertação de Mestrado Apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista, São Paulo, 2025.

Área de concentração: Mídia e imaginário.

Orientador: Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva.

1. Intolerância religiosa. 2. Mídia digital. 3. Umbanda. 4. Candomblé. 5. Racismo religioso I. Silva, Maurício Ribeiro da. (orientador). II. Título.

ROSEMEIRE GONZALES MARTINS

**MÍDIA DIGITAL E A INTOLERÂNCIA RELIGIOSA:
A tragédia do Rio Grande do Sul**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP, para obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Aprovado em: ____/____/____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva
Universidade Paulista – UNIP – SP

Profa. Laura Loguercio Cánepa
Universidade Paulista – UNIP – SP

Profa. Agnes de Sousa Arruda
Universidade de Mogi das Cruzes -UMC

AGRADECIMENTOS

A Deus, fonte inesgotável de amor e sabedoria, minha eterna gratidão. Foi em Sua presença que encontrei repouso nos dias de exaustão, luz nos momentos de incerteza e coragem para seguir quando tudo parecia desabar. Cada linha desta pesquisa foi escrita sob a inspiração que só a fé é capaz de oferecer. Sem Ele, esta jornada não teria sido possível.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Maurício Ribeiro da Silva, minha mais profunda gratidão. Sua escuta atenta, sua orientação firme e, ao mesmo tempo, acolhedora, foram essenciais para que esta pesquisa encontrasse não apenas o rigor acadêmico necessário, mas também alma, profundidade e sentido. Com paciência e sensibilidade, o senhor me ajudou a construir uma ponte entre o Direito e a Comunicação e, mais do que isso, me ensinou a enxergar o mundo pelo olhar do imaginário, onde símbolos, narrativas e afetos moldam realidades. Obrigada por caminhar comigo com paciência, respeito e sabedoria.

À minha mãe, Irma Gonzales Martins, mulher de fé inabalável e amor sem medida. Sua força silenciosa, suas orações constantes e seu apoio incondicional foram o alicerce que me sustentou nos momentos mais desafiadores. Este trabalho carrega, também, a marca da sua coragem, da sua ternura e do seu exemplo de vida.

Ao meu pai, Elio Gonzales Martins (*in memoriam*), que partiu antes de ver este sonho realizado, mas cuja presença continua viva em mim. Sua honestidade, seus conselhos e seu orgulho por cada passo meu seguem sendo fonte de força e inspiração. Esta conquista é, em parte, dele; e ao meu pai dedico, com todo o meu amor.

Ao meu noivo, professor Ricardo Rodrigues, meu companheiro de vida e de jornada acadêmica. Seu amor paciente, seu apoio constante e sua generosidade foram essenciais para que eu superasse os desafios, especialmente os tecnológicos, desta pesquisa. Com você, aprendi a acreditar mais em mim e a enxergar a tecnologia como aliada, não como obstáculo, tanto na minha vida acadêmica quanto profissional.

Ao amigo Rafael Sales, engenheiro de software, minha sincera gratidão pelas conversas sempre instigantes e enriquecedoras. Em nossas rodas de diálogo, ao lado do Professor Ricardo, surgiram ideias, provocações e reflexões que ampliaram minha compreensão sobre o papel da tecnologia na pesquisa e na vida. Esses encontros

foram verdadeiros laboratórios de pensamento, onde conceitos se entrelaçaram com experiências e abriram caminhos antes inimagináveis. Vocês dois me inspiraram a explorar territórios que antes pareciam distantes.

À banca examinadora, representada pelas ilustres Professoras Doutoras Agnes de Sousa Arruda e Laura Loguercio Cánepa, minha profunda gratidão. Suas leituras atentas, suas contribuições generosas e suas perguntas provocativas enriqueceram este trabalho e ampliaram minha compreensão sobre o tema. Obrigada por acolherem esta pesquisa com tanto cuidado e por contribuírem para o meu crescimento acadêmico e pessoal.

Agradeço também aos dedicados colaboradores da secretaria do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Paulista – UNIP: Vera Maia, Christina Rodrigues e Guilherme Medeiros, pelo suporte constante, pela gentileza no atendimento e pela eficiência na condução dos trâmites acadêmicos.

É impossível não expressar minha profunda gratidão à Professora Doutora Simone Luci Pereira e ao Professor Doutor Jorge Miklos, que, com sabedoria, generosidade e profundo compromisso com o conhecimento, ampliaram minha compreensão sobre conceitos e valores fundamentais. Suas aulas, sempre inspiradoras e transformadoras, permanecerão como marcos na minha trajetória acadêmica e pessoal, espaços de escuta, reflexão e descoberta que levarei comigo para além da universidade.

Aos colegas de sala, Ivete Ramirez, Priscila Miranda, Jorge Luiz de Jesus e André Carmelo, minha gratidão sincera pela parceria ao longo desta jornada. Cada conversa, cada troca de ideias e cada apontamento contribuíram para o nosso amadurecimento e tornaram o caminho mais leve e significativo. Foi um privilégio dividir essa caminhada com vocês, repleta de aprendizados, risos, desafios e apoio mútuo. Levo comigo não apenas colegas, mas pessoas que deixaram marcas profundas nesta etapa da minha vida.

À Universidade Paulista – UNIP e ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação, minha mais sincera e emocionada gratidão. Foi nesse espaço que encontrei não apenas uma formação acadêmica sólida, mas também acolhimento, escuta e incentivo para desenvolver uma pesquisa que toca em feridas sociais profundas. Em cada aula, em cada orientação, senti o compromisso genuíno com a construção de um conhecimento que transforma, um conhecimento que respeita as

diferenças, valoriza os direitos humanos e acredita na potência da diversidade. Obrigada por me permitirem sonhar, questionar e crescer com coragem e sensibilidade.

Aos Professores João Carlos Di Genio (*in memoriam*) e Jorge Brihy (*in memoriam*), minha sincera e emocionada gratidão. Foi graças à visão e ao compromisso inabalável com a educação desses dois mestres que dei início a esta jornada. O Professor João Carlos Di Genio, fundador visionário da Universidade Paulista, e o Professor Jorge Brihy, um dos pilares da UNIP, não apenas me incentivaram, foram além: fizeram um convite generoso e, mais do que isso, uma verdadeira convocação para ingressar no Mestrado. Suas palavras de confiança e encorajamento ecoam até hoje, e foi esse impulso que me guiou até aqui. Hoje, ao me tornar mestre, carrego comigo não apenas uma conquista pessoal, mas o reflexo do legado de quem acreditou no poder transformador do conhecimento. Que esta vitória seja também uma homenagem à memória e à inspiração que ambos representam.

Agradeço a todos vocês que, de alguma forma, fizeram parte desta caminhada com palavras, gestos, silêncios, abraços ou orações: muito obrigada. Este trabalho é mais do que uma dissertação: é um pedaço da minha história, costurado com afeto, coragem e esperança. Que ele possa, de alguma forma, retribuir tudo o que recebi ao longo dessa jornada.

Por fim, agradeço à vida pela oportunidade de trilhar este caminho e por me permitir chegar até aqui. Tornar-me mestre não é apenas uma conquista acadêmica é também um gesto de resistência, de fé no conhecimento e de compromisso com um mundo mais justo e plural. Que esta etapa seja apenas o início de muitas outras jornadas de aprendizado e partilha.

Como escreveu o filósofo Albert Schweitzer: “Em meio à vida cotidiana, raramente pensamos na gratidão como algo essencial. Mas ela é a base da nobreza do espírito.”

Que este trabalho seja, acima de tudo, um gesto de gratidão a todos que me ajudaram a chegar até aqui.

RESUMO

Esta pesquisa analisa como discursos de intolerância religiosa, muitas vezes baseados em estereótipos históricos, são disseminados e amplificados nas plataformas digitais, especialmente em momentos de comoção social, como a tragédia climática ocorrida no Rio Grande do Sul em 2024. O estudo foca nas narrativas que associam, de forma preconceituosa, religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé, a práticas demonizadas, como “bruxaria” e “satanismo”. A partir de uma abordagem metodológica mista, que combina análise qualitativa e quantitativa, foram examinados mais de 1.500 comentários em vídeos do YouTube, com o apoio de ferramentas de inteligência artificial e do software MAXQDA. Os resultados revelam uma forte polarização nas reações do público, com expressões tanto de apoio quanto de repúdio às falas religiosas que culpabilizam essas tradições por eventos trágicos. A pesquisa evidencia que o ambiente digital não apenas reflete, mas também intensifica discursos de intolerância, atualizando estigmas coloniais e reforçando o racismo religioso. Ao lançar luz sobre essas dinâmicas, o trabalho contribui para o campo da Comunicação e para o debate público sobre liberdade religiosa, diversidade e respeito às tradições afro-brasileiras.

Palavras-chaves: Intolerância religiosa; Mídia digital; Umbanda; Candomblé; Racismo religioso.

ABSTRACT

This research analyzes how religious intolerance discourses – often rooted in historical stereotypes – are disseminated and amplified through digital platforms, particularly during moments of social upheaval such as the 2024 climate disaster in Rio Grande do Sul, Brazil. The study focuses on narratives that unjustly associate Afro-Brazilian religions, such as Umbanda and Candomblé, with demonized practices like “witchcraft” and “satanism.” Using a mixed-methods approach that combines qualitative and quantitative analysis, over 1,500 YouTube comments were examined with the support of artificial intelligence tools and MAXQDA software. The findings reveal a strong polarization in public reactions, with both support and rejection of religious statements that blame these traditions for tragic events. The research shows that digital environments not only reflect but also intensify intolerance discourses, reviving colonial stigmas and reinforcing religious racism. By shedding light on these dynamics, this study contributes to the field of Communication and to broader discussions on religious freedom, diversity, and respect for Afro-Brazilian spiritual traditions.

Keywords: Religious intolerance; Digital media; Umbanda; Candomblé; Religious racism.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - No Big Brother Brasil, Fred Nicácio ouviu comentários negativos sobre sua religião.....	27
Figura 2 - Ialorixá Mãe Baiana em seu terreiro no Paranoá (DF), antes e após incêndio criminoso.....	29
Figura 3 - Terreiro Ilê Axé Ayabá Omi — Terreiro das Salinas incendiado no litoral sul de Pernambuco.....	30
Figura 4 - Procissão do Zé Pelintra, realizada em janeiro no Rio de Janeiro, em protesto contra a perseguição religiosa.....	31
Figura 5 - 113.608 visualizações estrearam em 10 de maio 2024 1.592 comentários.....	40
Figura 6 - Vídeo: Pastor Eliseu Lustosa - QR Code do vídeo.....	40
Figura 7 - Tragédia no RS e 'macumba': MP denuncia influenciadora por intolerância religiosa por associação.....	41
Figura 8 - Influenciadora evangélica Michelle Dias de Abreu.....	42
Figura 9 - QR Code do vídeo.....	42
Figura 10 - O Rio Grande do Sul abraçou o satanismo e a bruxaria, diz padre.....	43
Figura 11 - Padre sobre tragédia gaúcha: “O RS há muito tempo abraçou a bruxaria e o satanismo.....	44
Figura 12 - Padre afirma que o Rs abraçou a bruxaria e o satanismo.....	45
Figura 13 - Padre Paulo Santos falando sobre a tragédia do Rio Grande do Sul.....	47
Figura 14 - Padre Paulo Santos - QR Code do vídeo.....	47
Figura 15 - 1.556 comentários.....	48
Figura 16 - Padre Paulo Santos falando sobre a tragédia do Rio Grande do Sul.....	52

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Denúncias por preconceito religioso no Rs (2021-2023).....	32
Gráfico 2 – Distribuição percentual das religiões no RS (Censo 2022).....	39
Gráfico 3 – Distribuição dos comentários analisados no MAXQDA.....	55
Gráfico 4 – Distribuição dos comentários analisados no MAXQDA.....	56
Gráfico 5 – Distribuição dos temas (valores absolutos).....	57
Gráfico 6 – Análise de sentimentos dos comentários.....	65
Gráfico 7 – Distribuição dos subtemas nos comentários indefinidos.....	66
Gráfico 8 – Análise de sentimentos dos comentários.....	72
Gráfico 9 – Comparação entre análise de sentimentos por IA análise humana.....	73
Gráfico 10 – Distribuição dos comentários por categoria.....	75
Gráfico 11 – Distribuição dos comentários religiosos refinados.....	77

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Denúncias por preconceito religioso no RS e Porto Alegre.....	33
Tabela 2 - Evolução temporal das ocorrências de intolerância religiosa no RS (2020-2023).....	34
Tabela 3 - Perfil das vítimas e natureza das ocorrências.....	35
Tabela 4 - Correlação entre discurso digital e violência religiosa.....	36
Tabela 5 - Transcrição detalhada da narrativa do padre.....	49
Tabela 6 - Declaração do padre.....	49
Tabela 7 - Declaração do padre.....	50
Tabela 8 - Estatísticas do Canal UOL no YouTube.....	53
Tabela 9 - Comentário sobre Bruxaria.....	58
Tabela 10 - Comentário sobre Satanismo.....	58
Tabela 11 - Comentário sobre Ira de Deus.....	59
Tabela 12 - Comentário sobre Macumba.....	59
Tabela 13 - Comentários Positivos e Negativos.....	69
Tabela 14 - Mecanismo centrais.....	89

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA SOB ATAQUE: UMA VISÃO SOBRE A PERSEGUIÇÃO HISTÓRICA E ATUAL	18
1.1 A Marginalização das tradições afro-religiosas no contexto colonial	19
1.2 Intolerância Religiosa e Racismo: as raízes históricas da perseguição às religiões de matriz africana no Brasil	21
1.3 Intolerância e estigma nas mídias.....	23
1.4 Racismo Religioso: uma análise com ênfase nas reportagens da Agência Senado.....	26
1.5 Discriminação, intolerância religiosa e racismo religioso no Sul do Brasil: a perseguição às religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul.....	31
1.6 A materialização do discurso intolerante: o caso do Rio Grande do Sul.....	34
1.7 Discursos de intolerância nas plataformas digitais durante a tragédia do Rio Grande do Sul.....	36
1.8 A diversidade religiosa no Rio Grande do Sul: crescimento do espiritismo, Umbanda e Candomblé à luz do censo 2022	38
1.9 Construção e análise dos comentários da tragédia do Rio Grande do Sul	39
CAPÍTULO II - ANÁLISES DOS COMENTÁRIOS DO PADRE PAULO SANTOS ..	51
2.1 Análise humana comparada com a inteligência artificial	70
2.2 Entre a censura velada e o endosso explícito: um olhar sobre os comentários religiosos	76
CAPÍTULO III - ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS	79
3.1 Do passado ao presente: a permanência da intolerância religiosa nas representações sociais e nas mídias digitais	79
3.2 Ressignificação e reforço de discursos religiosos intolerantes no ambiente digital.....	80
3.3 A reafirmação da intolerância religiosa no ambiente digital	81
3.4 Requalificação dos comentários indefinidos: uma leitura crítica das reações digitais.....	83
3.5 A efetividade da análise com inteligência artificial	84
3.6 Considerações analíticas finais: entre a persistência histórica e os desafios contemporâneos	85
3.7 Entre o sagrado e o algoritmo: a produção de verdades no ambiente digital ..	86

3.7.1 Narrativas de exclusão: da inquisição ao engajamento algorítmico.....	86
3.7.2 A naturalização do preconceito: repetição, autoridade e ambiguidade.....	88
3.7.3 Blindagem simbólica e algorítmica do discurso intolerante.....	89
3.7.4 Entre o sagrado e o algorítmico.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	92
REFERÊNCIAS.....	94

INTRODUÇÃO

Esta dissertação parte da constatação de que, em tempos de crise, as plataformas digitais se tornam espaços privilegiados para a circulação de discursos que moldam percepções sociais e reforçam estruturas simbólicas já existentes. Em contextos de comoção pública, como tragédias ambientais, esses ambientes funcionam como arenas discursivas onde diferentes narrativas disputam sentidos, muitas vezes mobilizando crenças religiosas para explicar ou justificar os acontecimentos.

No Brasil, país de ampla diversidade religiosa, mas também marcado por um histórico de estigmatização das religiões de matriz africana, observa-se a recorrência de discursos que associam essas tradições a práticas demonizadas, como “bruxaria” e “satanismo”. A tragédia climática ocorrida no estado do Rio Grande do Sul, em 2024, evidenciou esse fenômeno de forma contundente. Lideranças religiosas e influenciadores digitais utilizaram suas plataformas para atribuir o desastre à presença de terreiros e práticas afro-brasileiras na região, reatualizando estigmas coloniais e reforçando o racismo religioso.

Diante desse cenário, esta pesquisa tem como objetivo analisar criticamente as narrativas estigmatizantes disseminadas nas mídias digitais, com foco nos discursos religiosos que emergiram após a tragédia. Parte-se da hipótese de que o uso de estereótipos negativos por religiosos com presença digital influencia a percepção pública e contribui para a reprodução de comportamentos intolerantes por parte de seus seguidores.

A investigação adota uma abordagem metodológica mista, combinando técnicas qualitativas e quantitativas. O corpus é composto por mais de 1.500 comentários extraídos de vídeos publicados no YouTube, com o apoio de ferramentas de inteligência artificial e do software MAXQDA. Três figuras religiosas foram inicialmente consideradas, o Pastor Eliseu Lustosa, a influenciadora Michelle Dias Abreu e o padre Paulo Santos. A escolha final recaiu sobre o vídeo do padre Paulo, cuja fala não apenas gerou ampla repercussão, mas também resgatou, de forma explícita, narrativas que remontam ao período colonial, quando práticas religiosas afrodescendentes eram associadas à feitiçaria e perseguidas institucionalmente. A análise dos comentários revelou um material discursivo especialmente rico, com

reações que variaram entre apoio, crítica e ironia, permitindo uma leitura aprofundada das disputas simbólicas em curso no ambiente digital.

Apesar de não haver correlação científica, esse discurso é relevante porque ativa estereótipos e posições arcaicas em um contexto contemporâneo, moldando a percepção pública sobre os afetados da catástrofe. Após a tragédia, surgiram diversas justificativas, sendo uma das mais absurdas a associação com as religiões de matriz africana. Foram encontrados vídeos nas plataformas digitais de perspectivas evangélicas, católicas e de pastores que utilizaram essa tragédia climática para culpar as religiões de matriz africana, citando a bruxaria, a falta de Deus e a macumba.

A fundamentação teórica está ancorada na Análise do Discurso, com base nas contribuições de Michel Foucault (2014) e Eni Orlandi (2009), e dialoga com estudos sobre intolerância religiosa, estigmatização e comunicação digital. Parte-se do entendimento de que o ambiente online não apenas reflete a sociedade, mas também intensifica suas dinâmicas, funcionando como um espaço simbólico de disputa, onde crenças, valores e preconceitos são constantemente negociados.

A presente dissertação está estruturada em três capítulos principais. O primeiro capítulo apresenta o contexto histórico e jurídico da perseguição às religiões de matriz africana no Brasil, destacando como o racismo religioso se consolidou como um fenômeno estrutural desde o período colonial até os dias contemporâneos. O segundo capítulo dedica-se à análise dos comentários gerados por discursos religiosos disseminados nas plataformas digitais após a tragédia climática ocorrida no Rio Grande do Sul, com ênfase na repercussão do vídeo protagonizado pelo padre Paulo Santos e na avaliação de mais de 1.500 comentários extraídos do YouTube. O terceiro capítulo, por sua vez, realiza uma análise integrada entre os fundamentos teóricos e os resultados obtidos na análise dos comentários, evidenciando de que maneira os discursos de intolerância religiosa são atualizados e amplificados no ambiente digital contemporâneo. A pesquisa adota uma abordagem metodológica mista, combinando métodos qualitativos e quantitativos, incluindo o uso de inteligência artificial para a análise de sentimentos, e conclui com reflexões sobre os impactos simbólicos desses discursos e a necessidade urgente de políticas públicas voltadas à promoção da diversidade religiosa e ao enfrentamento do racismo religioso. Portanto, este estudo busca explorar criticamente essas narrativas, promovendo uma compreensão mais justa e inclusiva das realidades enfrentadas pelas comunidades afetadas do Rio

Grande do Sul. Concluimos que a análise das interações nas redes sociais revela a necessidade urgente de abordar questões de intolerância religiosa e preconceito em um contexto em que desastres sociais e ambientais se entrelaçam com dinâmicas culturais complexas.

CAPÍTULO I - RELIGIÕES DE MATRIZ AFRICANA SOB ATAQUE: UMA VISÃO SOBRE A PERSEGUIÇÃO HISTÓRICA E ATUAL

A perseguição às religiões afro-brasileiras no Brasil constitui um processo histórico e estrutural, vinculado ao racismo e à intolerância religiosa. Desde o período colonial, e ao longo da escravidão em 1888, práticas como o Candomblé e a Umbanda, que expressam de forma legítima a riqueza cultural e espiritual de matrizes africanas, foram sistematicamente marginalizadas, sendo frequentemente associadas, de maneira pejorativa, à feitiçaria e à bruxaria. Essa estigmatização não apenas serviu como instrumento de controle social, mas também contribuiu para a exclusão dessas tradições do espaço público e institucional.

Com a promulgação do Código Penal de 1890, nos primeiros anos da República, expressou-se o esforço do Estado brasileiro em consolidar um modelo de modernidade inspirado nos ideais da ciência positivista e nos valores da moral cristã. Nesse contexto, o ordenamento jurídico passou a atuar como instrumento de controle social, especialmente sobre práticas religiosas e culturais que não se alinhavam ao padrão institucional dominante.

Os Arts. 157 e 158 desse código criminalizavam diretamente práticas como o espiritismo, a cartomancia, o uso de talismãs e outras formas de cura espiritual ou popular, classificando-as sob os termos de “curandeirismo” e “charlatanismo” (Gomes, 2021). Essas disposições legais não apenas refletiam o preconceito da época contra saberes não científicos, mas também contribuíam para a marginalização de tradições religiosas afro-brasileiras e espiritualistas, vistas como ameaças à ordem pública e à racionalidade científica dominante (Pinto, Marim, 2020). Ainda com os autores:

Dentro deste cenário, cada vez mais reduzido por categorias limitantes que, na maioria das vezes, não proporcionam a compreensão das perspectivas a respeito da realidade fenomênica das culturas afro-brasileiras, o que, inevitavelmente, termina por gerar abusos de diferentes tipos: o controle social pautado pela discriminação que culmina na segregação dessas minorias (Pinto; Marim, 2020, p. 220).

Nesse sentido, podemos esclarecer que a filosofia positivista, que defendia a supremacia da ciência como forma legítima de conhecimento, influenciou fortemente

os intelectuais e legisladores da Primeira República. O positivismo, conforme supracitado, via práticas religiosas não cristãs ou não racionais (como o espiritismo, o Candomblé e a Umbanda) como formas de atraso ou superstição.

Com a entrada em vigor do Código Penal de 1940, embora ainda existam dispositivos que podem ser interpretados de forma ambígua como o Art. 284, que trata do exercício ilegal da medicina, observa-se uma mudança significativa no tratamento jurídico das práticas religiosas. Diferentemente do código anterior, o novo texto não criminaliza diretamente manifestações espirituais ou religiosas (Brasil, 1940). Essa transformação foi consolidada com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que estabeleceu, em seu Art. 5º, incisos VI e VIII, a liberdade de crença e de culto como direitos fundamentais (Brasil, 1988). Esse marco constitucional representou uma inflexão importante na relação entre o Estado e as expressões religiosas, garantindo maior proteção jurídica à diversidade de crenças e práticas no país.

Apesar dos avanços legais alcançados ao longo do século XX, especialmente com a promulgação da Constituição Federal de 1988, que assegura a liberdade de crença e de culto, a sociedade brasileira ainda reproduz práticas e discursos marcados por uma lógica repressiva herdada do período colonial e do século XIX. A intolerância religiosa, particularmente contra religiões de matriz africana, manifesta-se de forma persistente e diversificada, abrangendo desde agressões verbais e físicas até a depredação de terreiros e a omissão institucional diante dessas violências. Esse cenário evidencia que a superação da criminalização formal dessas práticas, embora significativa no plano jurídico, não foi suficiente para eliminar a marginalização simbólica e social dessas tradições. O preconceito religioso, entrelaçado ao racismo estrutural, permanece enraizado em dinâmicas sociais e culturais que resistem à transformação, revelando a distância entre os direitos garantidos em lei e sua efetivação na vida cotidiana.

1.1 A marginalização das tradições afro-religiosas no contexto colonial

Durante o período colonial brasileiro, as religiões de matriz africana, como o Candomblé e as práticas que mais tarde dariam origem à Umbanda, foram sistematicamente perseguidas pelas autoridades coloniais e pela Igreja Católica. Os africanos escravizados, oriundos de diversas regiões do continente africano,

trouxeram consigo uma ampla diversidade de crenças, rituais e cosmologias. No entanto, essas expressões religiosas foram rapidamente classificadas como heresias, feitiçarias ou práticas demoníacas, incompatíveis com a doutrina cristã imposta pelo projeto colonizador.

A repressão se manifestava tanto no plano simbólico quanto no físico: rituais eram proibidos, objetos sagrados destruídos e os praticantes frequentemente submetidos a castigos corporais, encarceramento ou mesmo à morte. A Igreja Católica, em aliança com o Estado colonial, desempenhou papel central nesse processo, promovendo a catequese como instrumento de "salvação" espiritual e, sobretudo, de controle social.

Segundo Pinto e Marim (2020), as religiões afro-brasileiras foram historicamente marginalizadas e associadas a práticas negativas como a feitiçaria e a irracionalidade, sendo alvo de perseguições tanto estatais quanto sociais.

Essa violência religiosa articulava-se diretamente com o racismo, uma vez que as práticas religiosas africanas eram associadas à inferioridade cultural dos povos negros, reforçando sua subalternização. Ainda assim, os praticantes encontraram formas de resistência e preservação de suas tradições, muitas vezes por meio do sincretismo religioso, como a associação de orixás a santos católicos ou pela realização de cultos em espaços ocultos. Essa resistência silenciosa foi fundamental para a sobrevivência e posterior consolidação do Candomblé e da Umbanda como expressões legítimas da religiosidade brasileira.

A influência da herança colonial ainda é perceptível na forma como as religiões afro-brasileiras são tratadas no Brasil contemporâneo, especialmente no que diz respeito à sua presença ou ausência nos espaços públicos, na mídia, na educação e nas políticas culturais. Enquanto religiões de matriz cristã ocupam posições de destaque e são amplamente legitimadas socialmente, as tradições de matriz africana seguem sendo marginalizadas, muitas vezes invisibilizadas ou representadas de maneira distorcida. Não é raro que essas práticas sejam associadas, de forma preconceituosa, à bruxaria ou ao satanismo, rótulos historicamente utilizados para desqualificar expressões religiosas que fogem ao padrão ocidental e cristão dominante. Essa associação, além de infundada, reforça estigmas antigos e alimenta o medo e a intolerância, contribuindo para a legitimação simbólica da violência contra terreiros e seus praticantes. Trata-se de um discurso que retorna ao imaginário

colonial europeu, e que, no mundo Contemporâneo, funciona como um mecanismo de exclusão e controle, desvalorizando saberes ancestrais e espiritualidades negras que compõem parte fundamental da identidade cultural brasileira.

1.2 Intolerância religiosa e racismo: as raízes históricas da perseguição às religiões de matriz africana no Brasil

De acordo com Verger (1981), as primeiras menções às religiões africanas no Brasil são de 1600, por ocasiões das pesquisas do Santo Ofício da Inquisição, quando Sebastião Barreto denunciava o costume que tinham os negros, na Bahia. Vale ressaltar que para designar as práticas religiosas desenvolvidas pelos negros no Brasil, é comum usarmos o termo religiões de matriz africana.

No Brasil, a religião oficial era o Catolicismo, conforme mencionado, praticado e criado pelos brancos de origem portuguesa. É sabido que a Igreja Católica tentou obrigar os escravos sobre rígidas penas a aderirem às doutrinações cristãs, reprimindo qualquer um que quisesse exercer a religião que acreditavam. Por esta proibição, os escravos começaram a festejar suas crenças nas festividades católicas, para que seus senhores pensassem que festejavam suas celebrações (Berkenbrock, 2012, p.17).

O Candomblé era considerado bruxaria, sua prática era proibida e reprimida pelas autoridades policiais, obrigando os praticantes da religião à clandestinidade, isto é, cultuarem suas divindades e seguimentos religiosos secretamente, usando os santos da religião católica para ocultação das suas práticas religiosas.

Com o passar dos anos, era nesses locais, localizados nos subúrbios, que os compatriotas realizavam escondidos as cerimônias religiosas africanas, se preparando também para revoltas (Prandi apud Bastide, 1974, p. 13). Essa forma de “nação” foi preservada dando origem aos Candomblés no Brasil.

Por volta da metade do século XIX, com a presença de escravos, negros e libertos e seus descendentes nas grandes cidades, quando a população negra conheceu maiores possibilidades de integração entre si, com maior liberdade de movimento e maior capacidade de organização “(...) quando tradições e línguas estavam vivas em razão de chegada recente, criou-se no Brasil o que talvez seja a reconstituição cultural mais bem acabada do negro no Brasil, capaz de preservar-se até os dias de hoje: a religião afro-brasileira” (Prandi, 2000, p. 59).

A Umbanda é uma religião surgida nos subúrbios do Rio de Janeiro, no ano de 1908, por um jovem chamado Zélio Fernandino de Moraes, sendo uma religião afro-brasileira que reúne os elementos dos cultos africanos, o Catolicismo e Espiritismo Kardecista, recém-chegado da França no final do século XIX. A origem da palavra Umbanda é atribuída ao dialeto quimbunda de Angola, que corresponde à “magia” ou arte da cura (Bello, Sá, Jodelet, 2008).

A fundação da Umbanda tem uma premissa do Espiritismo, conforme relata Silva:

A condição de partida fundada na premissa do Espiritismo codificado por Allan Kardec é um aspecto que merece atenção, pois imputa à Umbanda traço marcadamente vinculado às influências do cristianismo europeu, ou seja, a noção de existência de uma única divindade soberana ausente do plano terreno, sendo a vida encarnada uma oportunidade de crescimento espiritual (decorrente da prática da caridade) para que, em uma futura vida pós-morte, cada indivíduo possa atingir novos planos espirituais e assim desincumbir-se das encarnações sucessivas neste mundo tido como atrasado, cujo propósito é a oferta de experiências de sofrimento e expiação (Silva, 2019, p. 78).

Para Barbosa (2019):

A Umbanda é uma religião que acolhe os ensinamentos do Espiritismo, principalmente no que diz respeito à prática da caridade, à crença na reencarnação e à evolução do espírito por meio das experiências vividas, muitas vezes marcadas por dor e sofrimento, que são compreendidos como oportunidades de crescimento (Barbosa, 2019).

A Umbanda, em sua constituição doutrinária, revela influências marcantes do Espiritismo kardecista, especialmente no que se refere à concepção de uma divindade única, transcendente e ausente do plano material. Essa herança, oriunda do cristianismo europeu, introduz na tradição um entendimento segundo o qual a existência terrena representa uma etapa transitória de aprendizado e aperfeiçoamento espiritual. Nesse contexto, a prática da caridade assume papel central como instrumento de elevação moral, sendo compreendida como meio pelo qual o indivíduo pode, após a morte, ascender a esferas espirituais superiores. Assim, a vida encarnada é interpretada como um ciclo de provas e expiações, característico de um mundo ainda em estágio evolutivo inferior, no qual o sofrimento é ressignificado como oportunidade de crescimento interior.

De acordo com Rivas Neto (2002, p.23), “a Umbanda é uma religião brasileira, sincrética, que reúne elementos do catolicismo, do espiritismo kardecista, das religiões afro-brasileiras e das tradições indígenas, formando um sistema próprio de crenças e práticas espirituais”.

Para Camargo, a Umbanda pode ser definida como:

(...) uma religião nascida na cidade do Rio de Janeiro, entre o fim do século XIX e o início do século XX, originalmente miscigenada de elementos espíritas e bantos, já mesclados a elementos culturais jeje-iorubá. Considerada uma legítima religião brasileira, sintetiza vários elementos das fés africanas e cristãs, porém sem ser definida por eles. Hoje, a Umbanda se apresenta segmentada em variados cultos caracterizados por influências muito diversas (indigenistas, católicas, esotéricas, cabalísticas etc.) (Camargo, 2019, p. 15).

Assim como muitas religiões, a Umbanda apresenta um conjunto de entidades espirituais que atuam tanto no mundo espiritual como no mundo material, ora auxiliando, ora interferindo na vida das pessoas.

1.3 Intolerância e estigma nas mídias

A intolerância, conforme definida pelo Dicionário Aurélio, refere-se a um comportamento ou atitude hostil e agressiva, de natureza política ou religiosa, direcionada àqueles que expressam opiniões divergentes. Historicamente, esse fenômeno tem se manifestado de maneira recorrente, tanto nas esferas política e religiosa quanto nas interações cotidianas, revelando uma sociedade marcada pela ausência de harmonia e pela prevalência do conflito em detrimento da busca pela pacificação social. No interior desse cenário, destacam-se formas específicas de discriminação, como aquelas baseadas em classe social, pertencimento étnico-racial e identidade religiosa. Em contraposição a essa lógica excludente, a construção de uma sociedade mais justa e equitativa requer a promoção da empatia, entendida como a capacidade de se colocar no lugar do outro, reconhecendo e valorizando suas experiências e sentimentos como legítimos (Ferreira, 2025).

A intolerância está na raiz das grandes tragédias mundiais. Foi a intolerância que destruiu as culturas pré-colombianas, promoveu a Inquisição e a caça às bruxas. A intolerância religiosa levou católicos e protestantes a se matarem mutuamente na Europa, assim como hindus e muçulmanos na Índia. Foi a intolerância que levou países a instituírem sistemas de apartheid e a organizarem campos de concentração.

Por trás de cada manifestação de barbárie que a humanidade testemunhou, resultando em numerosos massacres e extermínios, encontra-se a intolerância como arquétipo e estrutura fundante (Guimarães, 2004, p. 28).

Nos casos das religiões de matriz africana, a intolerância, discriminação, preconceito e até mesmo o racismo são revelados com crueldade, estigmatizando um grupo em relação a outro, demonstrando no imaginário do ser humano uma crença que não deve ser alterada ou pensada de forma diferenciada, devendo seguir a tradição criada pelos ideais de cada um. A intolerância religiosa pode ser expressa por palavras e gestos, demonstrando total desrespeito à simbologia, rituais, vestimentas e objetos utilizados na prática religiosa.

Segundo Silva Jr. (2009, p. 128), a intolerância religiosa é:

uma expressão que descreve atitudes fundadas nos preconceitos caracterizados pela falta de respeito às diferenças de credos religiosos praticados por terceiros, podendo resultar em atos de discriminação violenta dirigidos a indivíduos específicos ou em atos de perseguição religiosa, cujo alvo é a coletividade. Essa perseguição religiosa vem, nas últimas décadas, configurando-se em verdadeira batalha espiritual, ameaçando os padrões de uma sociedade alicerçada na ética, na liberdade, na democracia e na cultura da paz. A intolerância religiosa constitui uma grave violação dos direitos humanos, e seus agentes devem ser tratados exatamente conforme determina a Lei: como criminosos.

Vimos que essa intolerância está relacionada à convicção religiosa, às crenças das pessoas ou à própria falta de compreensão dessas crenças. Na Assembleia Geral da Organização das Nações Unidas, no dia 25 de novembro de 1981, afirma-se que:

(...) entende-se por intolerância e discriminação baseadas na religião ou nas convicções toda distinção, exclusão, restrição ou preferência fundada na religião ou nas convicções e cujo fim ou efeito seja a abolição ou o fim do reconhecimento, o gozo e exercício em igualdade dos direitos humanos e das liberdades fundamentais (ONU, 1981).

No site da revista do Senado Federal, encontramos a seguinte definição:

A intolerância religiosa é um conjunto de ideologias e atitudes ofensivas a crenças e práticas religiosas ou a quem não segue uma religião. É um crime de ódio que fere a liberdade e a dignidade humana. O agressor costuma usar palavras agressivas ao se referir ao grupo religioso atacado e aos elementos, deuses e hábitos da religião. Há casos em que o agressor desmoraliza símbolos religiosos, destruindo imagens, roupas e objetos ritualísticos. Em situações extremas, a intolerância religiosa pode incluir violência física e se tornar uma perseguição (Brasil, 2013).

É perceptível que a intolerância, ao mesmo tempo em que desumaniza o indivíduo que a sofre, também desumaniza quem a pratica. Segundo Hédio da Silva Junior (2009), os brancos que aderem a essas religiões também passam a ser vítimas do que ele chama de "racismo religioso", termo que define a intolerância contra terreiros e adeptos de religiões de matriz africana. Em São Paulo, entre 60% e 70% dos frequentadores da Umbanda são brancos, sendo a maioria pertencente à classe média alta. A intolerância que eles sofrem às vezes é grave, pois são tratados como traidores da etnia, mostrando o desrespeito e preconceito às religiões de matriz africana.

Segundo Goffman, é possível mencionar três tipos de estigmas nitidamente diferentes:

Em primeiro lugar, há as abominações do corpo - as várias deformidades físicas. Em segundo, as culpas de caráter individual, percebidas como vontade fraca, paixões tirânicas ou não naturais, crenças falsas e rígidas, desonestidade, sendo essas inferidas a partir de relatos conhecidos de, por exemplo, distúrbio mental, prisão, vício, alcoolismo, homossexualismo, desemprego, tentativas de suicídio e comportamento político radical. Finalmente, há os estigmas tribais de raça, nação e religião, que podem ser transmitidos através de linhagem e contaminar por igual todos os membros de uma família. (Goffman, 2013, p.7)

É nítido que em todos esses exemplos de estigmas são encontradas as mesmas características sociológicas. Em suas citações, Goffman (2013) afirma que "enquanto o estranho está à sua frente, podem surgir evidências de que ele tem um atributo que o torna diferente dos outros".

A construção social do estigma está diretamente relacionada à forma como a sociedade lida com a diferença. Quando um grupo ou indivíduo se desvia das normas culturais estabelecidas, tende a ser rotulado e marginalizado. Segundo Goffman (2013), o estigma refere-se a atributos que desqualificam socialmente uma pessoa, tornando-a indesejável ou inferior aos olhos da coletividade. Essa lógica se aplica, por exemplo, às religiões de matriz africana, frequentemente estigmatizadas por não se alinharem aos padrões religiosos hegemônicos. A intolerância, nesse contexto, manifesta-se como um mecanismo de exclusão simbólica e prática, sustentado por preconceitos históricos e estruturais.

1.4 Racismo religioso: uma análise com ênfase nas reportagens da Agência Senado

No dia 17 de março de 2023, a Agência do Senado publicou uma matéria sobre racismo religioso, com ênfase nas religiões de matriz africana. Reportagens publicadas no site alegaram que, há muito tempo, não se falava tanto sobre religiões de matriz africana como nos últimos tempos; entretanto, de forma negativa. Vejamos alguns casos:

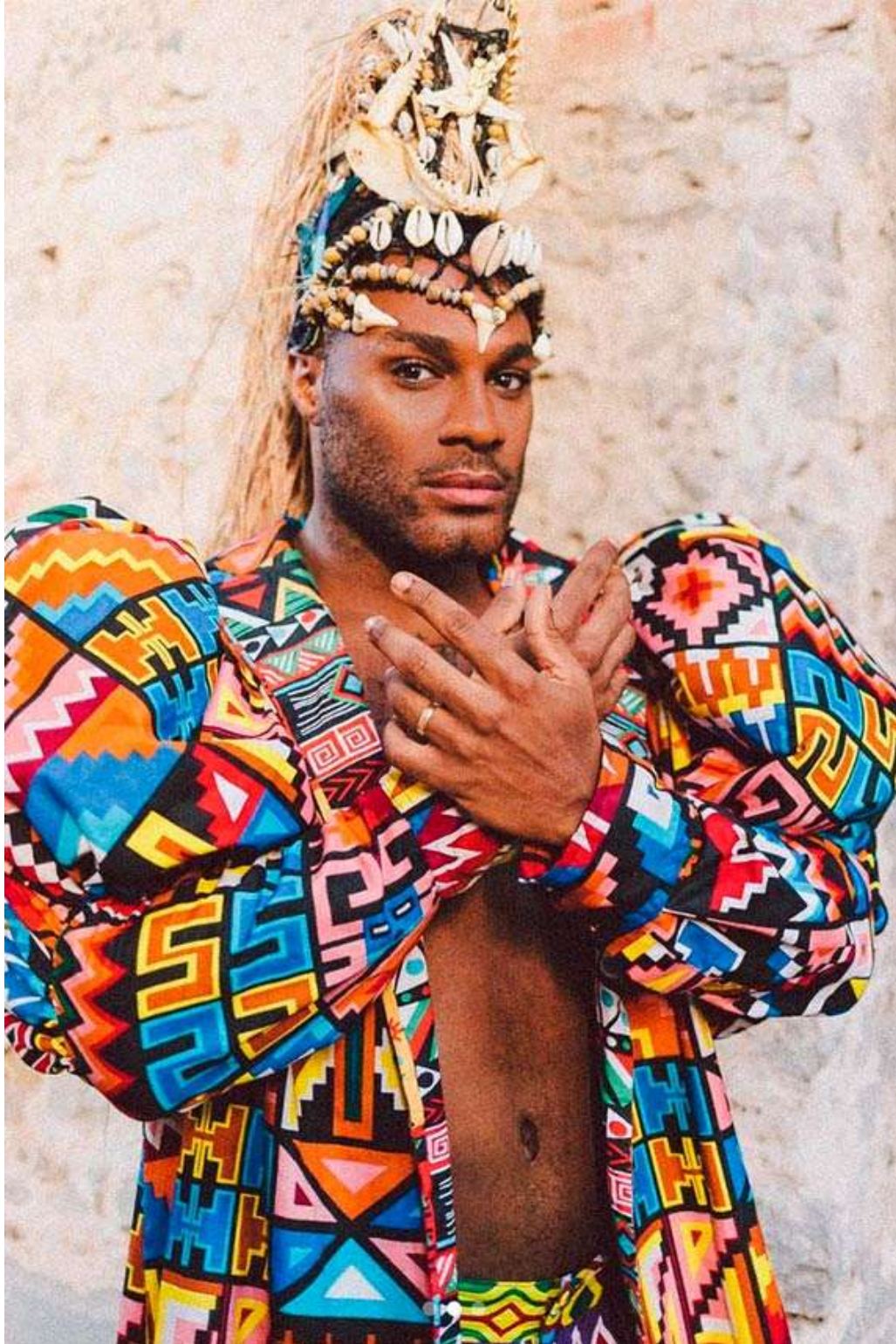
Uma adolescente de 14 anos sofreu a humilhação de ser barrada na entrada da escola, em Sobradinho (DF), porque usava um colar ritualístico da Umbanda. A modelo Leticia Muniz, por sua vez, foi xingada nas redes sociais e perdeu 5 mil seguidores depois de postar um vídeo do seu batismo na mesma religião.

A mãe de uma criança de um colégio de Salvador escreveu diversos ataques às religiões afro-brasileiras num exemplar do livro infantil *Amoras*, do rapper Emicida, que passou de mão em mão na sala de aula. Nas páginas que tratam dos orixás, ela acusou o autor de disseminar “blasfêmia” e “ideologia” de “religiões anticristãs”. (Westin, 2023).

Segundo especialistas ouvidos pela Agência Senado, esses quatro exemplos recentes de comportamento atendem pelo mesmo nome: racismo religioso. Trata-se do ataque a pessoas negras pelo simples fato de seguirem a Umbanda, o culto de Ifá ou qualquer outras religiões afro-brasileiras, como o Candomblé, o batuque, a encantaria, a jurema, o nagô-vodun, o tambor de Mina, o terecô, o xangô e o xambá.

Outro incidente que deve ser citado ocorreu no programa *Big Brother Brasil*, da TV Globo, em que três participantes brancos ficaram assustados ao ver o colega negro Fred Nicácio realizando orações do culto de Ifá antes de dormir. Vale ressaltar que um dos participantes ameaçou deixar o programa caso Nicácio continuasse com suas rezas.

Figura 1 - No Big Brother Brasil, Fred Nicácio ouviu comentários negativos sobre sua religião



Fonte: Instagram/Fred Nicácio

É oportuno citar que essas manifestações de intolerância religiosa não apenas violam os direitos humanos fundamentais, mas também perpetuam a marginalização e o preconceito contra comunidades afrodescendentes. Com esses comportamentos

é necessário que as políticas públicas e ações educativas promovam o respeito e a valorização da diversidade religiosa no Brasil.

As manifestações de violência são indicativas de um contexto de intolerância religiosa e racismo estrutural. As agressões verbais e físicas são expressões explícitas de hostilidade, enquanto o fechamento de terreiros e a expulsão de comunidades religiosas de favelas por agentes criminosos refletem uma estratégia de exclusão territorial. Os incêndios criminosos, por sua vez, configuram-se como atos de violência com o objetivo de aniquilar os espaços de culto e a identidade cultural das religiões de matriz africana (Westin, 2023).

Figura 2 – Ialorixá Mãe Baiana em seu terreiro no Paranoá (DF), antes e após incêndio criminoso



Fonte: Pillar Pedreira/Agência Senado e Valter Campanato/Agência Brasil

Figura 3 - Terreiro Ilê Axé Ayabá Omi — Terreiro das Salinas incendiado no litoral sul de Pernambuco



Fonte: Brasil de Fato

Essas imagens evidenciam o sofrimento das religiões de matriz africana e os preconceitos a elas associados. Observa-se a destruição, quebra, queima, apedrejamento e tentativa de aniquilação dos templos. Esses atos de violência refletem a intolerância religiosa e a marginalização dessas tradições culturais.

No dia 21 de março, conforme a Lei 14.519, é comemorado o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé. A data é

amplamente divulgada nas mídias televisivas, plataformas digitais e jornais, promovendo maior visibilidade e reconhecimento dessas tradições. Essa visibilidade também evidencia as manifestações de racismo religioso, proporcionando um espaço para debates e esclarecimentos sobre o tema (Brasil, 2023).

Figura 4 - Procissão do Zé Pelintra, realizada em janeiro no Rio de Janeiro, em protesto contra a perseguição religiosa



Fonte: Tânia Rêgo/Agência Brasil

Segundo site da Agência do Senado, o racismo religioso é apontado como uma manifestação do racismo estrutural, uma complexa rede de fatores políticos, econômicos e sociais que mantém os negros brasileiros em uma posição de desvantagem em termos de poder, apesar de serem a maioria da população (56%).

1.5 Discriminação, intolerância religiosa e racismo religioso no Sul do Brasil: a perseguição às religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul

A discriminação contra as religiões de matriz africana no Rio Grande do Sul constitui um fenômeno complexo e multiforme, profundamente enraizado em estruturas raciais e sociais. O estado, que abriga um dos maiores números de casas de terreiros no Brasil, tem registrado um aumento significativo de ocorrências de

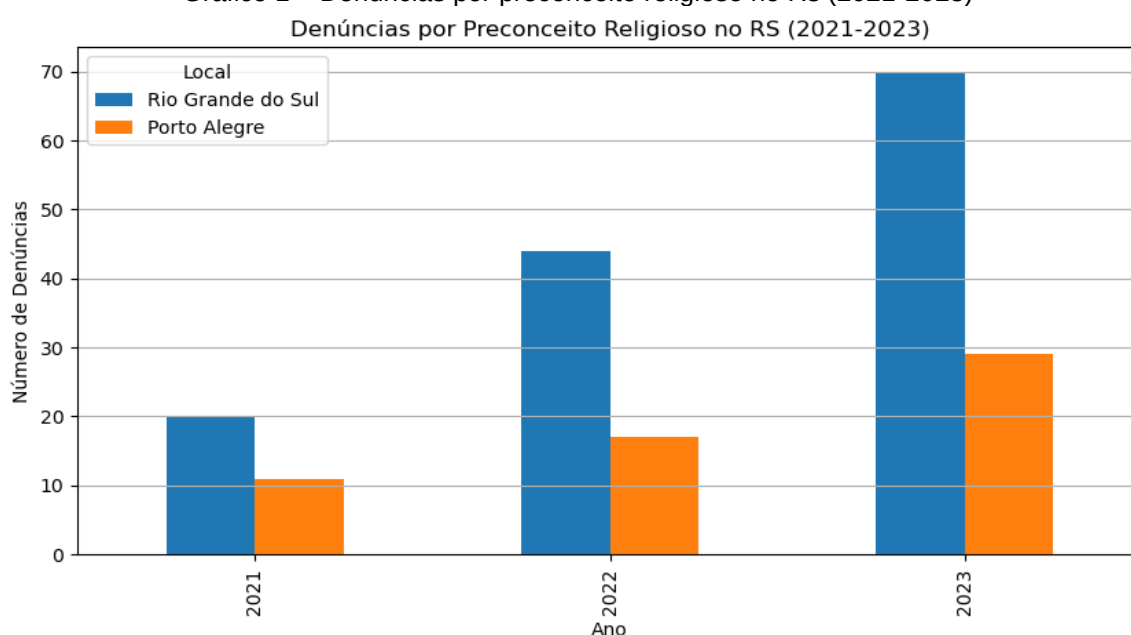
intolerância religiosa, com um crescimento de 250% nos registros policiais nos últimos três anos (Reinholz, 2024).

Os terreiros de religiões de matriz africana, frequentemente denominados de forma pejorativa como "macumba", enfrentam um problema significativo no Rio Grande do Sul, sendo alvo de discriminações constantes. Essa discriminação se manifesta de diversas formas, incluindo vandalismo, violência física e discursos de ódio. Os vandalismos e violência física incluem a destruição de altares, pichações com mensagens de ódio e até incêndios criminosos. Tais atos de vandalismo não apenas destroem espaços sagrados, mas também intimidam e ameaçam os praticantes dessas religiões, os discursos de ódio são comuns, especialmente nas redes sociais. Esses discursos frequentemente associam as religiões de matriz africana a práticas "diabólicas", "bruxarias" ou "feitiçaria".

A perseguição às religiões de matriz africana no Brasil possui raízes históricas que remontam ao período da colonização e ao tráfico transatlântico de escravos. Essas religiões foram frequentemente associadas a práticas diabólicas ou feitiçaria, perpetuando um discurso de inferioridade racial e religiosa. No Rio Grande do Sul, essa narrativa é reforçada pelo "mito do Rio Grande branco", que contribui para a perpetuação do preconceito racial e religioso (Araujo, 2024).

Dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado apontam crescimento de 164% no número de registros deste tipo de crime entre 2021 e 2023 em Porto Alegre.

Gráfico 1 – Denúncias por preconceito religioso no Rs (2021-2023)



Fonte: Elaborado pela autora com base nos dados da Secretaria de Segurança Pública do Estado

Os dados da Tabela 1 demonstram quantas denúncias por preconceito religioso ocorreu no Rio Grande do Sul e Porto Alegre.

Tabela 1 – Denúncias por preconceito religioso no Rio Grande do Sul e Porto Alegre

Ano	Rio Grande do Sul	Porto Alegre
2021	20	11
2022	44	17
2023	70	29

Fonte: Elaborado pela autora

Em 21 de janeiro, data em que é celebrado o Dia do Combate à Intolerância Religiosa, o monumento em homenagem à orixá Oxum, instalado há 24 anos na orla do Guaíba, em Ipanema, na zona sul de Porto Alegre, amanheceu vandalizado. O caso foi registrado junto à Delegacia de Polícia de Combate à Intolerância (DPCI).

Entretanto, essa depredação não foi um caso isolado. Dados fornecidos pela Secretaria de Segurança Pública do Estado revelam um aumento de 250% nos registros policiais por preconceito religioso no Rio Grande do Sul nos últimos três anos, passando de 20 casos em 2021 para 70 em 2023. Em Porto Alegre, cidade com o maior número de registros, os casos aumentaram de 11 em 2021 para 29 em 2023, representando um crescimento de 164% (Peixoto, 2024).

No século XXI, observa-se uma intensificação das discriminações, sendo potencializado com o uso frequente das plataformas digitais. Essas plataformas disseminam, de maneira avassaladora, notícias e conteúdos que denigrem as religiões de matriz africana, perpetuando estigmas e preconceitos históricos. A facilidade de compartilhamento e a ampla audiência dessas mídias amplificam o impacto negativo, contribuindo para a marginalização e exclusão social das comunidades praticantes dessas religiões. Além disso, a ausência de regulamentação eficaz e de mecanismos de moderação adequados nas redes sociais permite a proliferação de discursos de ódio e intolerância, agravando ainda mais a situação.

Esses dados reforçam a necessidade de compreender como discursos históricos de intolerância continuam a se manifestar e se atualizar no contexto contemporâneo, especialmente nas mídias digitais, como será explorado na pesquisa.

1.6 A materialização do discurso intolerante: o caso do Rio Grande do Sul

Com o objetivo de aprofundar a análise sobre os efeitos concretos dos discursos de intolerância religiosa nas plataformas digitais, esta seção apresenta um estudo de caso centrado no estado do Rio Grande do Sul. A escolha da localidade se justifica tanto pela expressiva concentração de denúncias formais quanto pela recorrência de menções a cidades gaúchas nos comentários analisados no ambiente digital.

A partir do cruzamento entre dados quantitativos extraídos de relatórios da Secretaria de Segurança Pública do RS (SSP-RS, 2023), do Disque Direitos Humanos (Brasil, 2023) e do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA, 2022), foi possível identificar padrões que apontam para a existência de um ciclo de retroalimentação entre discurso simbólico e violência material.

Para uma melhor compreensão e análise dos dados, os principais resultados são organizados em tabelas temáticas conforme apresentado na sequência.

Tabela 2 – Evolução temporal das ocorrências de intolerância religiosa no RS (2020–2023)

Indicador	Dado Observado	Fonte
Crescimento percentual de denúncias no RS	+250%	SSP-RS, 2023
Crescimento médio nacional no mesmo período	+164%	BRASIL, 2023
Casos registrados em 2021	20	SSP-RS, 2023
Casos registros em 2023	70	SSP-RS, 2023

Indicador	Dado Observado	Fonte
Município com maior número de ocorrências	Porto Alegre (43%)	SSP-RS, 2023

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 3 – Perfil das Vítimas e Natureza das Ocorrências

Indicador	Dado Observado	Fonte
Vítimas pertencentes a religiões de matriz africana	89%	IPEA, 2022
Ocorrências na região metropolitana de Porto Alegre	67%	IPEA, 2022
Casos envolvendo destruição de patrimônio religioso	72%	SSP-RS, 2023
Casos de agressão física direta	28%	SSP-RS, 2023

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 4 – Correlação entre Discurso Digital e Violência Religiosa

Indicador	Dado Observado	Fonte
Picos de denúncia ao Disque 100 ocorrendo até 72h após conteúdos discriminatórios	83%	Análise da pesquisadora (base: Brasil, 2023)
Municípios com maior número de denúncias e menções em comentários digitais	Porto Alegre, Canoas, Pelotas	Análise cruzada (Cap. 2 + SSP-RS, 2023)
Casos de depredação de terreiros após viralização de conteúdo intolerante	2 casos em Viamão (BOs nº 1457/2022 e 1459/2022)	SSP-RS, 2022

Fonte: Elaborado pela autora

A análise desses dados reforça a hipótese de que os discursos de intolerância religiosa, ao circularem nas redes sociais, não apenas reforçam estigmas históricos, mas também contribuem para a legitimação simbólica de práticas violentas. O ambiente digital, nesse sentido, atua como um vetor de amplificação de discursos discriminatórios, cujos efeitos extrapolam o campo simbólico e se materializam em agressões físicas, destruição de espaços sagrados e intimidação de comunidades religiosas.

Essa constatação reforça os resultados discutidos nas seções anteriores deste capítulo, ao evidenciar que a intolerância religiosa no Brasil contemporâneo é um fenômeno complexo, que articula dimensões históricas, institucionais e discursivas. Longe de ser um problema isolado, ela se manifesta de formas diversas, tanto nas redes sociais quanto nas experiências cotidianas das comunidades religiosas.

1.7 Discursos de intolerância nas plataformas digitais durante a tragédia do Rio Grande do Sul

A cobertura das mídias digitais frequentemente perpetua estereótipos e preconceitos, moldando a percepção pública sobre os afetados pelas catástrofes (Billings, Parrot, 2020; Ramasubramanian, Murphy, 2014). Durante a pesquisa e suas consequências, foi realizada uma análise de conteúdo nas plataformas digitais, incluindo YouTube, Instagram, X (antigo Twitter), TikTok e Kwai. Observou-se que muitos dos vídeos sugeridos com maior número de visualizações e comentários apresentavam uma forte conotação religiosa.

A análise de conteúdo revelou que a mídia desempenha um papel crucial na formação das percepções sociais, frequentemente reforçando estereótipos existentes. A predominância de vídeos com conotação religiosa nas plataformas digitais sugere que esses conteúdos têm um impacto significativo na forma como o público interpreta e reage às catástrofes. Estudos anteriores indicam que a exposição a representações midiáticas consistentes com preconceitos pode ter efeitos prejudiciais, enquanto a exposição a representações que os desafiam pode ter efeitos benéficos.

Há uma correlação significativa entre os comentários de intolerância religiosa nas redes sociais e a atuação de figuras públicas, como influenciadores, padres e pastores, no contexto da tragédia climática no Rio Grande do Sul. Esse fenômeno se intensificou especialmente após as enchentes de 2024, quando discursos religiosos foram mobilizados para justificar ou interpretar os eventos como punições divinas, frequentemente direcionando a culpa às religiões de matriz africana. Essa correlação entre esses discursos e a intolerância religiosa se manifesta tanto na reprodução de conteúdos discriminatórios em comentários quanto na intensificação de ataques simbólicos e físicos a comunidades de terreiro. As plataformas digitais, nesse contexto, funcionam como amplificadores de discursos de ódio, dificultando a responsabilização imediata e favorecendo a viralização de conteúdos intolerantes.

A pesquisa utilizada incluiu a seleção de vídeos com alta visibilidade e engajamento nas plataformas mencionadas, seguida de uma análise detalhada de seu conteúdo e dos comentários associados. Essa abordagem permitiu identificar padrões e tendências na forma como a religião é representada e percebida nas mídias digitais, contribuindo para uma compreensão mais profunda dos efeitos da cobertura midiática na percepção pública.

1.8 A diversidade religiosa no Rio Grande do Sul: crescimento do espiritismo, Umbanda e Candomblé à luz do censo 2022

O Brasil é reconhecido como um Estado laico, conforme estabelece a Constituição Federal de 1988, em seu Art. 5º, inciso VI: "É inviolável a liberdade de consciência e de crença, sendo assegurado o livre exercício dos cultos religiosos e garantida, na forma da lei, a proteção aos locais de culto e a suas liturgias" (Brasil, 1988).

O estado do Rio Grande do Sul reflete de forma representativa a diversidade religiosa do país, como demonstram os dados do Censo Demográfico de 2022, divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), que revelam mudanças significativas no perfil religioso da população gaúcha.

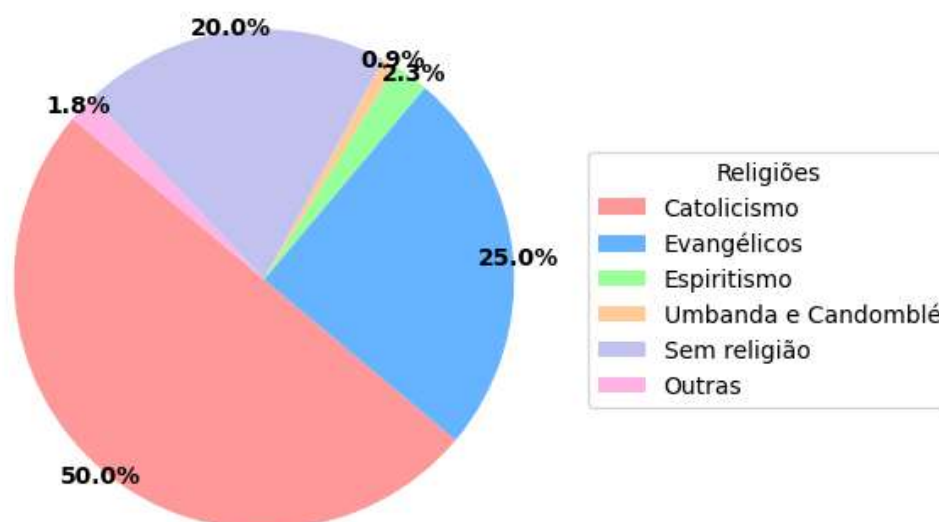
Segundo o IBGE, o número de pessoas que se declararam espíritas no Rio Grande do Sul aumentou consideravelmente em relação ao censo anterior. Em 2010, os espíritas representavam cerca de 1,5% da população estadual; em 2022, esse número subiu para aproximadamente 2,3%, superando a média nacional de 1,8%. Esse crescimento pode ser atribuído a diversos fatores, como o fortalecimento de centros espíritas, a difusão da literatura kardecista e a busca por práticas espiritualistas que conciliam fé e racionalidade.

Além do espiritismo, as religiões de matriz africana também apresentaram crescimento relevante. A Umbanda e o Candomblé, que em 2010 somavam cerca de 0,3% da população gaúcha, passaram a representar 0,9% em 2022. Embora ainda minoritárias, essas religiões têm conquistado maior visibilidade e reconhecimento social, especialmente em centros urbanos como Porto Alegre, Pelotas e Canoas, onde há forte presença de terreiros e comunidades tradicionais (Censo, 2022).

Esse avanço pode ser interpretado como reflexo de um processo contínuo de resistência cultural e de valorização das identidades coletivas por parte de grupos historicamente marginalizados. Inseridas em um contexto histórico marcado por estigmatização e intolerância religiosa, as religiões de matriz africana vêm se consolidando como espaços de preservação da memória coletiva e de valorização da ancestralidade. A crescente valorização das tradições afro-brasileiras, impulsionada por políticas públicas de promoção da igualdade racial e pela atuação de movimentos sociais, tem contribuído para a legitimação dessas práticas no espaço público.

A análise dos dados censitários revela não apenas uma mudança quantitativa, mas também qualitativa no panorama religioso do Rio Grande do Sul. O crescimento da adesão ao espiritismo, à Umbanda e ao Candomblé aponta para uma reconfiguração das práticas e dos valores espirituais da população, sinalizando um movimento em direção à valorização da diversidade religiosa e à ampliação das formas de vivência da espiritualidade. Esse fenômeno reflete um contexto sociocultural mais receptivo à pluralidade de crenças, especialmente em centros urbanos, onde essas tradições têm conquistado maior visibilidade e legitimidade social.

Gráfico 2 – Distribuição percentual das religiões no RS (Censo 2022)
Distribuição Percentual das Religiões no RS (Censo 2022)



Fonte: Elaborado pela autora com base no software MAXQDA

1.9 Construção e análise dos comentários da tragédia do Rio Grande do Sul

A pesquisa foi iniciada com uma investigação preliminar sobre a tragédia no Rio Grande do Sul, utilizando motores de busca como Google, Bing e Yahoo. Durante essa investigação, identificou-se que diversos links apresentavam informações convergentes, associando a tragédia a termos como "Satanismo", "feitiçaria", "bruxaria" e "Macumba". Essa recorrência de associações levou à exploração de conteúdos disponíveis no YouTube, Instagram, X (antigo Twitter), Kwai e TikTok, em que vários vídeos de pastores, padres e uma influenciadora digital evangélica chamaram a atenção.

Figura 5 - 113.608 visualizações estrearam em 10 de maio 2024
1.592 comentários



Fonte: Youtube¹

Figura 6 - Vídeo: Pastor Eliseu Lustosa - QR Code do vídeo



Fonte: Youtube

O vídeo do pastor Eliseu Lustosa gerou significativa repercussão, acumulando 1.592 comentários. Nele, o pastor fez declarações polêmicas sobre a tragédia no Rio Grande do Sul, provocando uma ampla gama de reações nas mídias sociais. Os

¹ LUSTOSA, Eliseu. vazou: mega cemitério para macumba no rio grande do sul "depois não reclamam o porquê das enchentes". **Youtube**, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yk6cc3_7fr8. Acesso em: 3 out.2024.

comentários variaram entre apoio, críticas severas e opiniões indefinidas. A repercussão do vídeo evidenciou a polarização de opiniões sobre a tragédia e a influência das figuras religiosas nas discussões públicas.

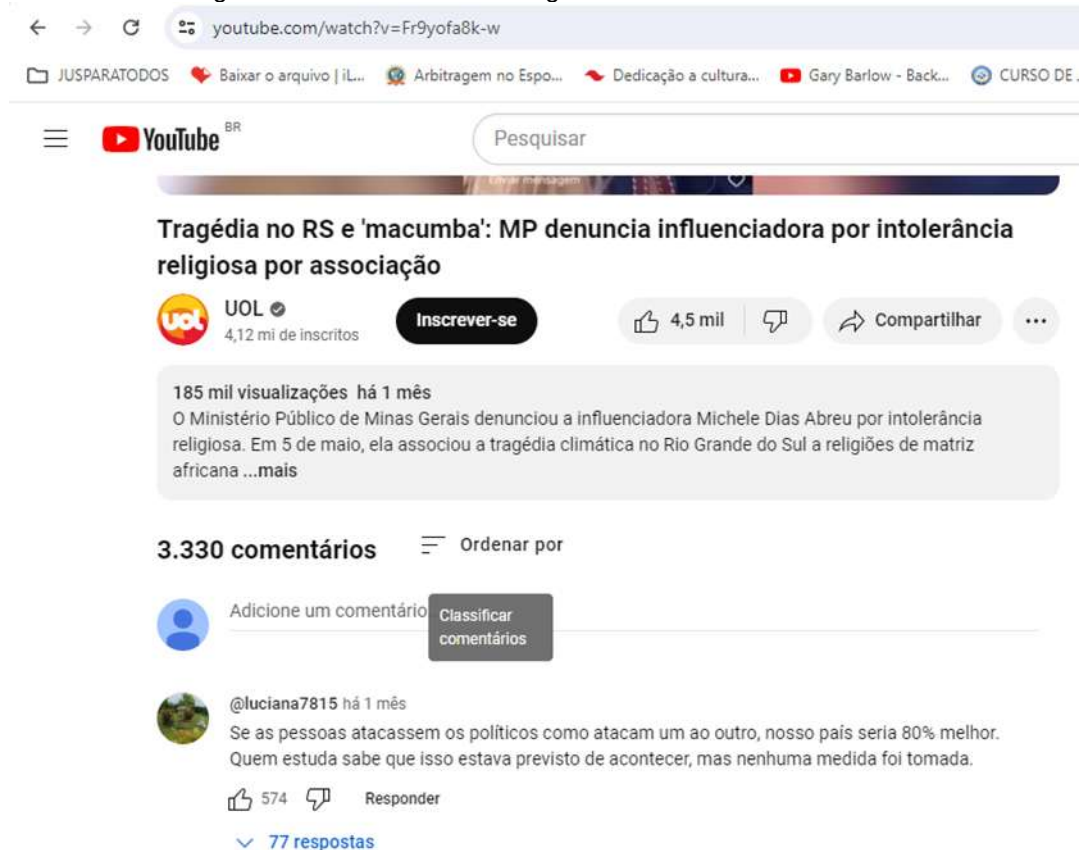
Figura 7 - Tragédia no RS e 'macumba': MP denuncia influenciadora por intolerância religiosa por associação



Fonte: Youtube, Canal UOL ²

² TRAGÉDIA no RS e 'macumba': MP denuncia influenciadora por intolerância religiosa por associação. **Youtube, Canal UOL**, 18 maio.2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Fr9yofa8k-w>. Acesso em: 20 out.2024.

Figura 8 - Influenciadora evangélica Michelle Dias de Abreu



Fonte: Youtube, Canal UOL

Figura 9 - QR Code do vídeo



Fonte: Youtube, Canal UOL

O vídeo da influenciadora evangélica Michelle Dias Abreu também teve uma grande repercussão, acumulando 3.330 comentários. Nele, Michelle associou a tragédia no Rio Grande do Sul à "ira de Deus", alegando que as enchentes foram uma consequência da presença de muitos terreiros de religiões de matriz africana na região. Essa declaração gerou uma ampla gama de reações nas mídias sociais, incluindo apoio, críticas severas e acusações de intolerância religiosa. Essa repercussão do vídeo destacou a polarização de opiniões sobre a tragédia e a influência das figuras religiosas nas discussões pública.

Figura 10 – O Rio Grande do Sul abraçou o satanismo e a bruxaria, diz padre



Fonte: @memecristãohumorado³

³ @memecristãohumorado. Disponível em:

<https://www.bing.com/images/search?q=%40meme+crist%3a3o+humorado&qpv t=%40memecrist%3a3ohumorado&form=IGRE&first=1>. Acesso em: 15 jul.2025.

Figura 11 – Padre sobre tragédia gaúcha: “O RS há muito tempo abraçou a bruxaria e o satanismo



Fonte: TikTok⁴

⁴ TIKTOK. Disponível em:
<https://www.tiktok.com/@metropolesoficial/video/7371818419479530757?q=padre%20sobre%20trag%C3%A9dia%20gaucha%20no%20metropole%20&t=1752446390539>

Figura 12 – Padre afirma que o RS abraçou a bruxaria e o satanismo



Fonte: Kwai

O padre Paulo Santos, da paróquia São Francisco de Paulo, em Nova Andradina (MS), fez declarações polêmicas durante uma missa em 8 de maio de 2024. Ele afirmou que as enchentes no Rio Grande do Sul foram um castigo divino, alegando que o estado "abraçou a bruxaria e o satanismo" e se afastou de Deus.

A pesquisa, entretanto, foi focada no vídeo do padre Paulo Santos, visto que, em particular, destacou-se pelo número de visualizações e comentários. A narrativa apresentada no vídeo, juntamente com os comentários dos usuários, despertou o interesse acadêmico e direcionou o foco da pesquisa para a análise crítica dessas representações midiáticas e suas implicações socioculturais.

O fato de o padre pertencer ao Catolicismo gerou um impacto ainda maior, pois a Igreja Católica geralmente adota uma postura mais conciliadora em relação a outras religiões, conforme a Declaração *Nostra Aetate* do Concílio Vaticano II, que incentiva o diálogo e o respeito entre diferentes tradições religiosas. Este documento destaca a importância de reconhecer e valorizar o que há de verdadeiro e santo nas diversas religiões, promovendo a união e a caridade entre todos os homens (Concílio Vaticano II, 1965).

As declarações do padre foram percebidas como uma violação dessa postura, resultando em indignação e debates acalorados sobre intolerância religiosa e a responsabilidade das figuras religiosas em momentos de crise. A análise desses comentários demonstra as percepções e narrativas que emergem em momentos de crise, especialmente em plataformas digitais como o YouTube. Essas compreensões são cruciais para entender como diferentes grupos religiosos influenciam e moldam a opinião pública em contextos de desastres sociais e ambientais.

Os comentários do vídeo têm um impacto significativo, não apenas nas vítimas diretas da tragédia, mas também na sociedade como um todo. Eles perpetuam a intolerância e o preconceito, criando um ambiente de hostilidade e exclusão.

Figura 13 - Padre Paulo Santos falando sobre a tragédia do Rio Grande do Sul



Fonte: Youtube, Canal UOL⁵

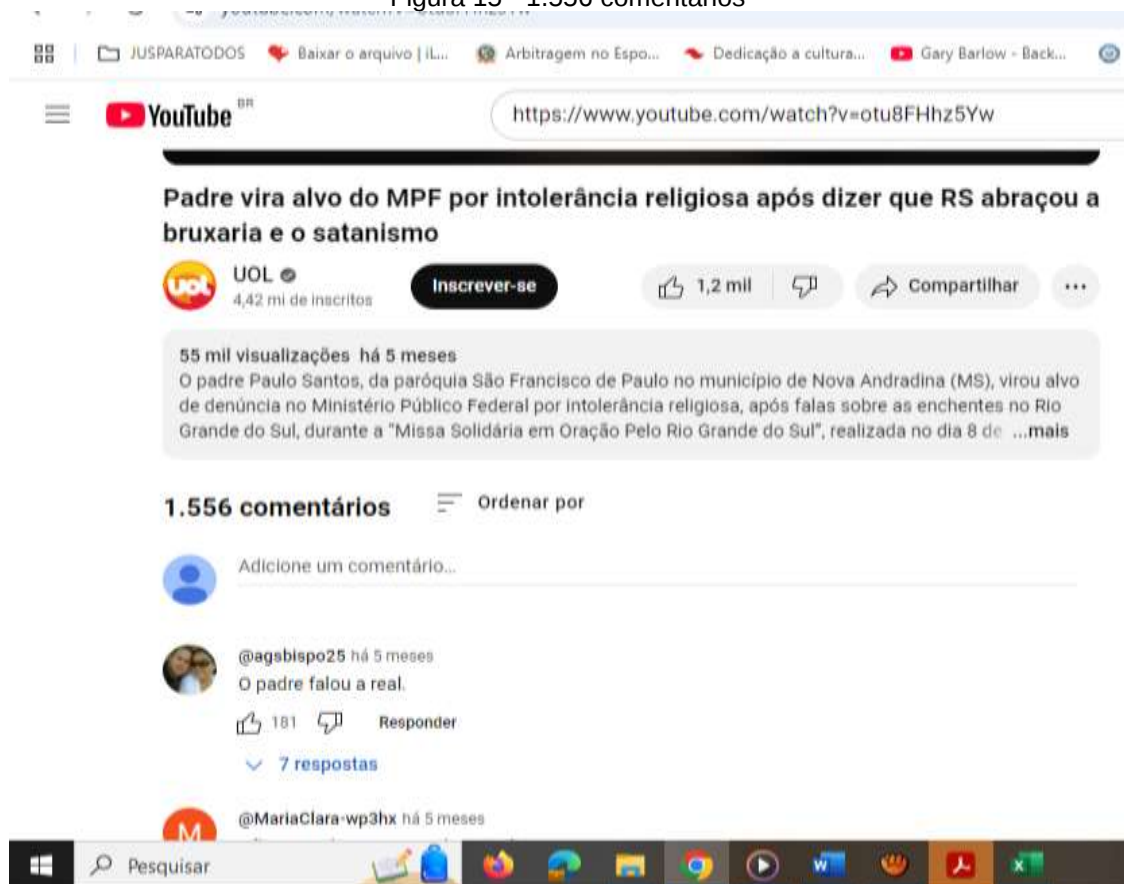
Figura 14 - Padre Paulo Santos - QR Code do vídeo



Fonte: Youtube, Canal UOL

⁵ PADRE vira alvo do MPF por intolerância religiosa após dizer que RS abraçou a bruxaria e o satanismo. **Youtube, Canal UOL**, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=otu8FHz5Yw>. Acesso em: 9 jul.2025.

Figura 15 - 1.556 comentários



Fonte: Youtube, Canal UOL

Com base nas imagens “printadas” dos vídeos, foi realizada uma seleção dos materiais ancorada em critérios de relevância e impacto, priorizando conteúdos com maior número de visualizações, comentários e compartilhamentos. A análise focou em temas relacionados à tragédia, ações de resposta e recuperação, e narrativas associadas, com ênfase em manifestações de cunho religioso e referências às religiões de matriz africana, incluindo tanto o conteúdo principal (vídeos, posts e visualizações) quanto os comentários gerados pelos usuários, visando capturar a diversidade de perspectivas e a dinâmica das interações online.

Na análise realizada, constatou-se que as manifestações nos comentários se dividiram em três categorias de sentimentos: negativas, positivas e indefinidas. Essas categorias de sentimentos foram, por sua vez, subdivididas em três categorias temáticas: política, religiosa e xingamentos. As análises destacaram a importância de compreender as diferentes categorias de sentimentos e temas presentes nos comentários, além de evidenciar a intolerância religiosa, que reflete a imaginação social e os arquétipos negativos associados às religiões de matriz africana. (anexo1)

Para a geração da planilha de comentários, foi utilizado o software MAXQDA. Este software oferece uma ampla gama de ferramentas para métodos de análise, incluindo Teoria Fundamentada nos Dados, Análise Qualitativa de Conteúdo, Análise de Discurso e Métodos Mistos. Além disso, o MAXQDA é capaz de auxiliar na análise de diversos tipos de dados não estruturados, como entrevistas, discursos, grupos focais, arquivos de áudio, vídeo e imagem, bem como dados provenientes do Twitter, nesse caso foi utilizado o vídeo do Youtube do padre Paulo Santos.

O software realizou a transcrição detalhada da narrativa do padre, especificando cada minuto do vídeo, a fim de proporcionar uma análise mais precisa e aprofundada, conforme demonstrado por alguns minutos.

Tabela 5 - Transcrição detalhada da narrativa do padre

Minuto	Trecho
0:00:41.8	Minha mãe muito assustada que o meio-dia
0:00:44.9	Virou noite e a tempestade
0:00:48.0	Voltou domingo ainda antes da missa
0:00:50.6	Minha mãe me dizia que estava com sede
0:00:53.3	Ontem me dizia que estava com fome então

Fonte: Elaborado pela autora

Ficando claro a preocupação do padre com a família que estava passando por momentos difíceis no Rio Grande do Sul e por amigos que perderam tudo e ficaram sem nada e estão agora sem lar algum. Ele enfatiza a seriedade da situação e a urgência de assistência necessária, como descrito abaixo:

Tabela 6 - Declaração do padre

Minuto	Trecho
0:00:59.5	amigos que perderam tudo tem paróquias o
0:01:02.7	tamanho dessa que a água está até o
0:01:05.0	povo perdeu tudo sacerdotes
0:01:08.6	desabrigados o povo desabrigado uma
0:01:11.4	situação terrível

Fonte: Elaborado pela autora

Dentro desta fala o padre Paulo Santos relatou sobre como o Rio Grande do Sul abraçou a bruxaria e o Satanismo há muito tempo se afastando de Deus, conforme descrição abaixo:

Tabela 7 - Declaração do padre

Minuto	Trecho
0:01:13.2	Mas eu farei um alerta a todos nós o Rio
0:01:17.9	Grande do Sul há muito tempo abraçou a
0:01:21.6	Bruxaria e o
0:01:23.5	Satanismo há muito tempo o meu povo tem
0:01:27.4	Se afastado de Deus

Fonte: Elaborado pela autora

Por fim, o padre alegou que o Rio Grande do Sul é o estado mais ateu da federação e afirmou que existem mais centros de religiões de matriz africana na região de Porto Alegre do que em todo o estado da Bahia.

A transcrição do discurso do padre foi analisada para identificar as principais temáticas e estratégias discursivas utilizadas. O orador aborda a questão do sofrimento, desmistificando a ideia de que ele é enviado por Deus como punição, e compartilha uma narrativa pessoal sobre a situação difícil enfrentada por seus parentes no Rio Grande do Sul. Ele emite um alerta sobre a situação espiritual da região, associando a calamidade à prática de bruxaria, satanismo e ao afastamento de Deus.

O discurso critica o secularismo e menciona a presença de centros de "macumba" em Porto Alegre, comparando-os ao estado da Bahia, o que pode ser interpretado como uma manifestação de intolerância religiosa, observa-se a repetição de atos discriminatórios associados às práticas religiosas afro-brasileiras, contribuindo para a perpetuação de estereótipos e preconceitos.

CAPÍTULO II -

ANÁLISES DOS COMENTÁRIOS DO PADRE PAULO SANTOS

Diante de todo o cenário apresentado ocorreu uma tragédia que não guarda nenhuma relação com a religião. Um exemplo notório foi a declaração do padre Paulo Santos, divulgada por meio de um vídeo no Youtube, no qual o religioso afirmou que a tragédia seria castigo divino, alegando que o Estado teria se afastado de Deus ao “abraçar a bruxaria e o satanismo”. Essa fala, conforme já discutido no Capítulo 1, é recorrente e não apresenta novidade em sua estrutura argumentativa, baseando-se em uma lógica moralizante que associa sofrimento coletivo a desvios espirituais. O que se propõe, neste momento da pesquisa, é analisar de que forma esse tipo de narrativa repercute na sociedade brasileira contemporânea, considerando os avanços no reconhecimento da diversidade religiosa, os mecanismos de resistência a discursos intolerantes e os impactos simbólicos dessas falas no imaginário social. Além disso, se examina a forma como tais declarações ganham visibilidade e legitimidade no ambiente midiático, considerando o papel das plataformas digitais na amplificação de discursos religiosos e na formação de opinião pública em contextos de crise.

Figura 16 - Padre Paulo Santos falando sobre a tragédia do Rio Grande do Sul



Fonte: Youtube, Canal UOL

O vídeo em questão foi amplamente disseminado nas redes sociais, alcançando diversas plataformas digitais como Instagram, YouTube, TikTok, X (antigo Twitter) e Kwai. Para fins desta pesquisa, optou-se por utilizar o YouTube como principal fonte de análise, uma vez que essa plataforma apresentou o maior índice de circulação do conteúdo e, sobretudo, por oferecer uma seção de comentários rica e diversificada, que permite uma observação mais aprofundada das reações do público. Importante destacar que o foco da investigação não recai sobre o conteúdo do discurso proferido pelo padre Paulo Santos, mas sim sobre os comentários gerados a partir dele. O objetivo é compreender, por meio de uma abordagem quantitativa, de que forma esse discurso ressoa na sociedade contemporânea, identificando padrões de pensamento, sentimentos predominantes e possíveis influências culturais e religiosas nas respostas dos usuários. A análise dos comentários, portanto, constitui uma ferramenta metodológica relevante para captar percepções sociais, permitindo mapear como determinados discursos religiosos são recebidos, interpretados e reproduzidos no ambiente digital.

Vale destacar que o vídeo analisado nesta pesquisa tem como fonte original o portal de notícias UOL, sendo posteriormente amplamente disseminado por meio de diferentes plataformas digitais. A circulação do conteúdo em múltiplos canais evidência não apenas seu alcance, mas também sua relevância no debate público contemporâneo, o que reforça a pertinência de sua análise no contexto desta investigação.

No canal do UOL, observa-se um total de 4,84 milhões de inscritos, o que evidencia a existência de um público consolidado e expressivo, indicativo de relevância e fidelização. No caso do YouTube, embora a plataforma não disponibilize publicamente o número de inscritos em determinados canais, a análise do desempenho de conteúdo específico, como o vídeo protagonizado pelo padre Paulo Santos, que alcançou 56.731 visualizações, revela um alcance significativo. Esses dados sugerem uma elevada capacidade de engajamento, indicando que o conteúdo tem sido amplamente acessado tanto por usuários inscritos no canal do UOL quanto por outros usuários da plataforma. Tal desempenho pode estar associado à atuação dos algoritmos de recomendação do YouTube, bem como à disseminação por meio de compartilhamentos externos, ampliando o alcance orgânico do vídeo.

Adicionalmente, o vídeo registrou 1,3 mil curtidas, o que representa uma taxa de engajamento positiva, considerando a proporção entre visualizações e interações diretas. Esse indicador é relevante para a análise da recepção do conteúdo, pois aponta para uma aceitação qualitativa por parte do público, além de contribuir para o ranqueamento do vídeo dentro do algoritmo da plataforma.

Tabela 8 - Estatísticas do Canal UOL no YouTube

Métrica	Valor
Inscritos no canal	4,84 milhões
Visualizações no vídeo	56.731
Curtidas no vídeo	1.300

Fonte: Elaborado pela autora

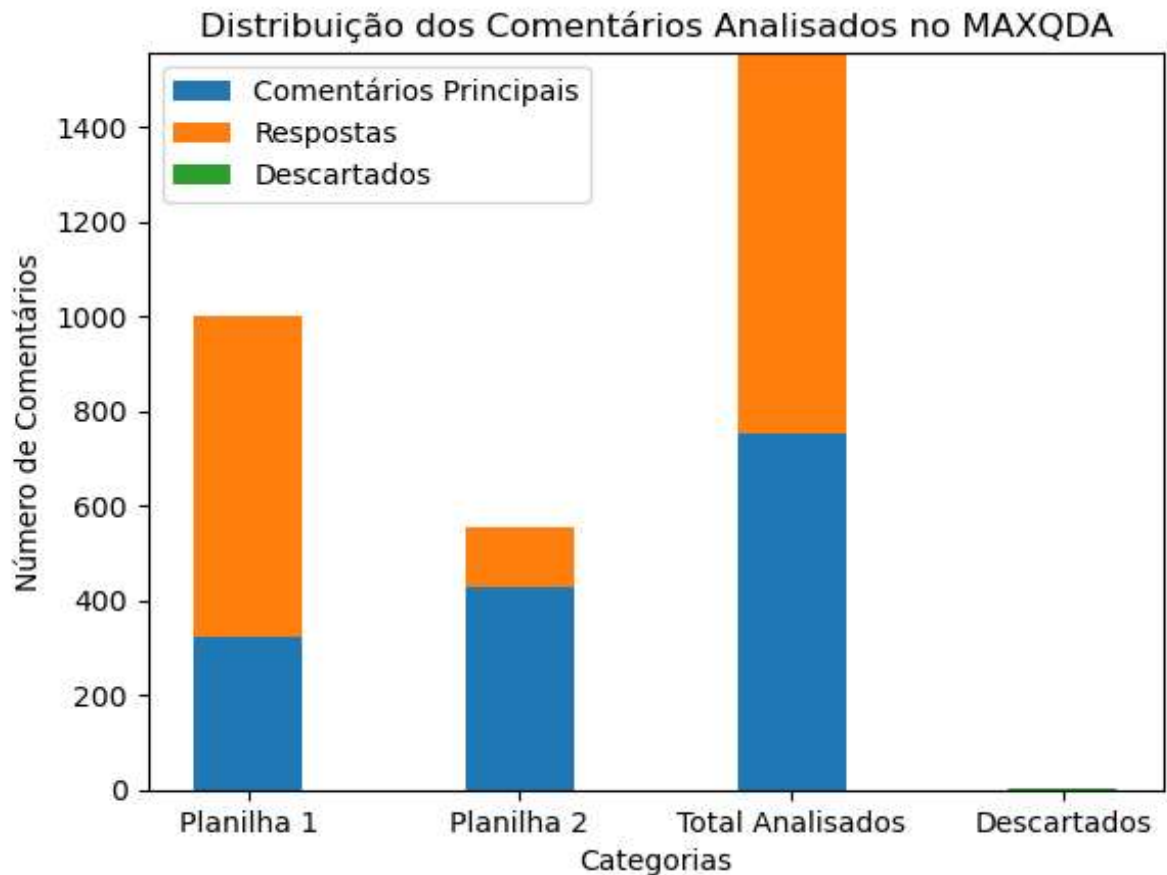
O software MAXQDA foi escolhido devido à sua capacidade de lidar com grandes volumes de dados não estruturados e de fornecer ferramentas avançadas para a codificação e análise qualitativa. A utilização deste software permitiu uma análise detalhada e sistemática dos comentários, identificando padrões e tendências

nas reações dos usuários ao vídeo do padre Paulo Santos. A análise incluiu a categorização das reações em concordância, discordância e indefinidas, bem como a identificação de temas recorrentes e a comparação com outras perspectivas religiosas, incluindo religiões de matriz africana.

O link do vídeo do padre Paulo Santos foi inserido para análise no software MAXQDA. A partir desse link, o software gerou de forma automatizada uma planilha em Excel contendo todos os 1.556 comentários. Essa planilha foi utilizada para a análise detalhada dos comentários, permitindo a categorização e identificação de padrões nas reações dos usuários ao vídeo.

As planilhas geradas pelo software MAXQDA foram divididas em duas: uma contendo 1.000 comentários e outra com 556 comentários. Dentro dos 1.000 comentários, 325 eram comentários principais (raízes) e os demais eram respostas (subcomentários). Na planilha de 556 comentários, 427 eram comentários principais (raízes) e os demais respostas (subcomentários). Vale ressaltar que, ao classificar os comentários, o software excluiu automaticamente aqueles que consistiam apenas em pontos ou estavam sem identificação. Dessa forma, 5 dos 1.556 comentários foram descartados, resultando em um total de 1.551 comentários analisados.

Gráfico 3 – Distribuição dos comentários analisados no MAXQDA



Fonte: Elaborado pela autora com base no software MAXQDA

Descrição do gráfico:

Planilha 1: 325 comentários principais e 675 respostas.

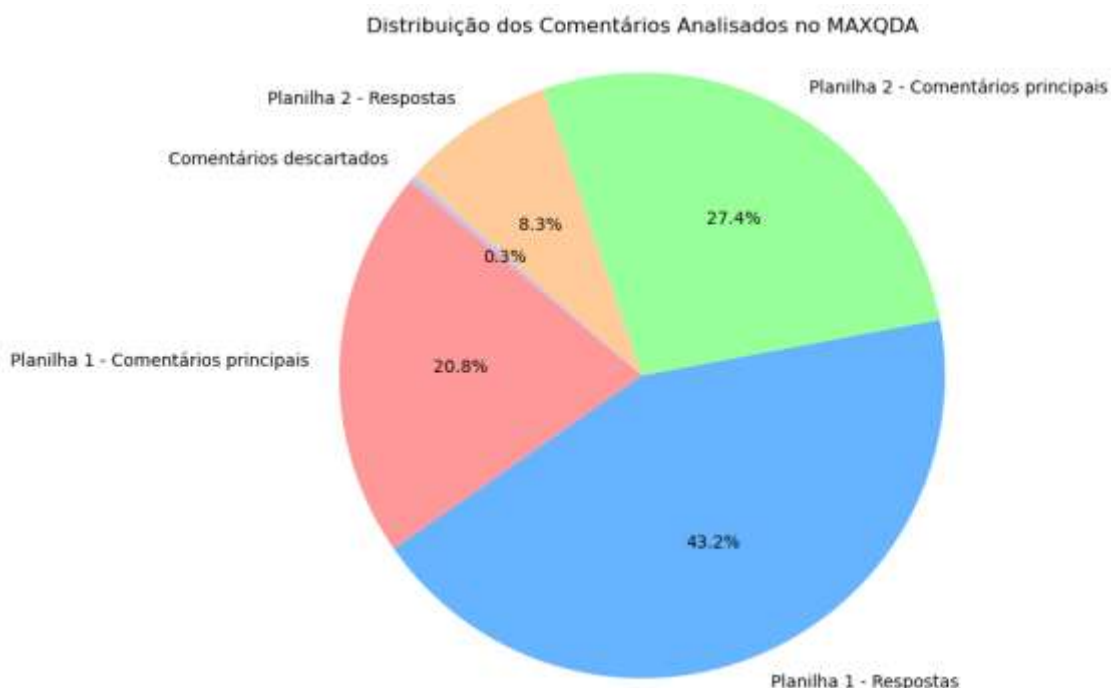
Planilha 2: 427 comentários principais e 129 respostas.

Total Analisados: 1.551 comentários (soma das duas planilhas, excluindo os descartados).

Descartados: 5 comentários foram excluídos automaticamente pelo software por não conterem conteúdo relevante.

É importante destacar que as análises foram realizadas feitas com base em percentuais, conforme gráfico.

Gráfico 4 – Distribuição dos comentários analisados no MAXQDA



Fonte: Elaborado pela autora com base no software MAXQDA

Legenda do gráfico:

Planilha 1 – Comentários principais: 20,95%

Planilha 1 – Respostas: 43,52%

Planilha 2 – Comentários principais: 27,53%

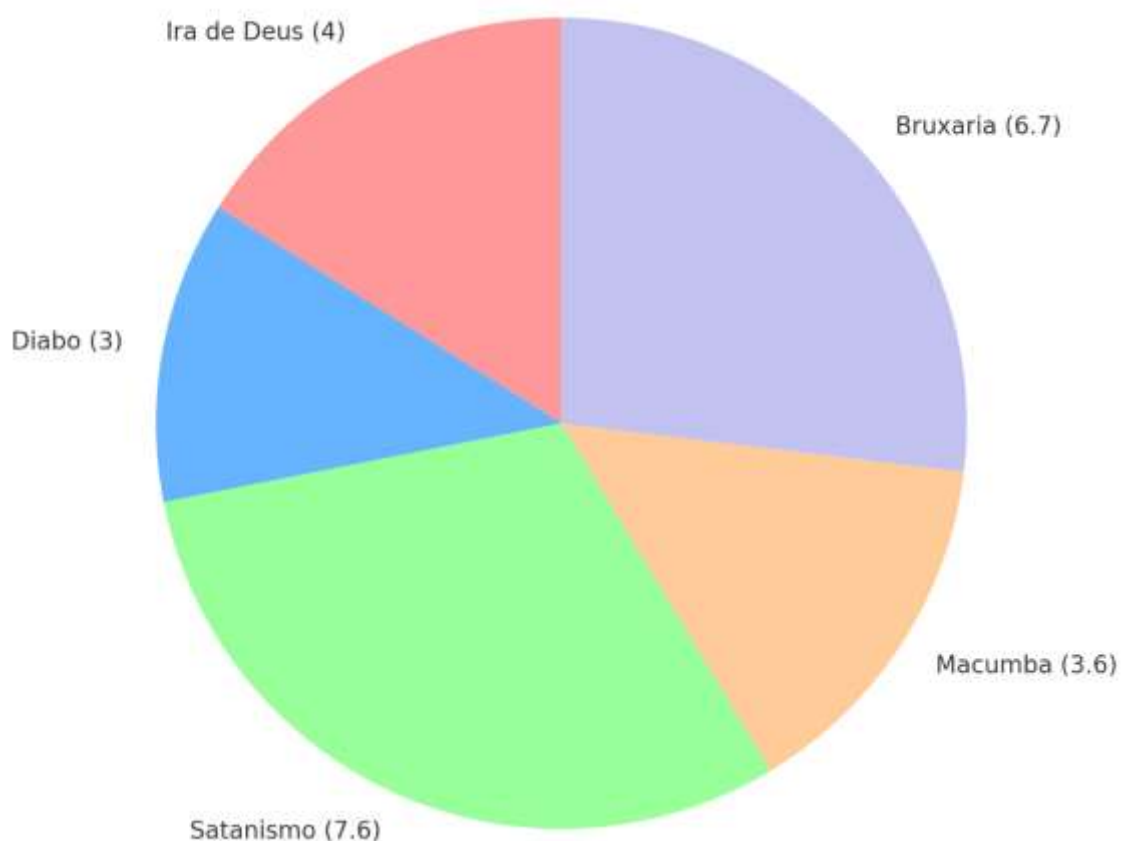
Planilha 2 – Respostas: 8,32%

Comentários descartados: 0,32%

Além da análise qualitativa dos comentários, o software MAXQDA foi empregado para realizar uma investigação quantitativa da frequência de termos específicos presentes nas interações dos usuários. Palavras como “Diabo”, “Bruxaria”, “Satanismo”, “Macumba” e “Ira de Deus” foram selecionadas e extraídas sistematicamente para análise. Os resultados revelaram que a expressão “Ira de Deus” apareceu em aproximadamente 4% dos comentários, enquanto “Diabo” foi mencionada em 3%. Já os termos “Satanismo 7,6%”, “Macumba 3,6%” e “Bruxaria 6,7%” dos comentários, respectivamente. Esses dados evidenciam a presença significativa de um vocabulário associado a discursos religiosos e moralizantes, o que

contribui para a compreensão das representações simbólicas mobilizadas pelos usuários na recepção do conteúdo analisado. Observa-se, ainda, que tais termos são reiteradamente utilizados, o que demonstra sua ressonância na contemporaneidade e sua permanência nos discursos religiosos populares.

Gráfico 5 – Distribuição dos temas (valores absolutos)
Distribuição dos Temas (valores absolutos)



Fonte: Elaborado pela autora com base no software MAXQDA

Distribuição dos termos:

Satanismo: 7,6%

Bruxaria: 6,7%

Ira de Deus: 4%

Macumba: 3,6%

Diabo: 3%

A análise dos dados revela que os termos “Bruxaria” e “Satanismo” foram mencionados com maior frequência em comparação com “Diabo”, “Macumba” e “Ira de Deus”, o que sugere uma ênfase discursiva mais acentuada por parte dos usuários em torno dessas temáticas. Essa predominância pode indicar uma preocupação

recorrente ou um interesse específico relacionado a práticas e representações associadas ao ocultismo ou ao imaginário religioso marginal. No entanto, é importante destacar que tais termos não surgem de forma isolada ou inédita no corpus analisado. Conforme discutido no Capítulo 1, essas expressões já vinham sendo utilizadas de maneira reiterada em contextos anteriores, o que reforça a hipótese de uma continuidade simbólica e discursiva no uso dessas categorias ao longo do tempo.

Foram removidos manualmente da planilha alguns comentários que reforçavam, de maneira repetitiva ou pouco contextualizada, termos como “Diabo”, “Macumba”, “Ira de Deus”, “Bruxaria” e “Satanismo”. Essa escolha teve como finalidade tornar a análise mais clara e permitir uma leitura mais crítica desses conceitos dentro do recorte da pesquisa. A retirada desses comentários evitou que repetições automáticas ou falas ofensivas distorcessem os dados, contribuindo para uma compreensão mais precisa dos sentidos atribuídos a essas expressões. Com isso, foi possível observar com mais nitidez como esses termos aparecem nos discursos dos usuários, em que contextos são utilizados e de que forma reverberam nas tensões religiosas e simbólicas da contemporaneidade.

Tabela 9 – Comentário sobre Bruxaria

Comentário
BRUXARIA É RELIGIÃO, SIM! CHEGA DE INTOLERÂNCIA RELIGIOSA!
Falar a verdade agora é ser do mal? bruxaria e feitiçaria e abominável aos olhos de Deus dentro da sua palavra, e tempo de nós arrependermos dos nossos pecados, clamarmos a Deus por sua misericórdia
@@matciavieiralopes907satanismo é bruxaria é tudo a mesma armadilha do maligno.

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 10 – Comentário sobre Satanismo

Comentário
Ninguém gosta de ouvir a verdade de Deus ele não mentiu ele tá falando a verdade, mas a UOL não presta aí agora quer botar todo mundo contra o padre verdade a humanidade tem abraçado mal essa é a verdade ninguém quer saber de Jesus é isso aí tem abraçado a bruxaria e o satanismo quem tá dentro da bruxaria do satanismo é Deus
Eu também soube disso que Rio grande do Sul é um estado envolvido em muita bruxaria satanismo eu também já ouvi isso agora eu não sei dizer se a tragédia foi por causa disso né aí é outra coisa agora que o mundo está abraçando o mal tá mas vamos ver né porque é tão comentando que aquilo ali foi a mão do homem novidade nenhuma né daqui a pouco vai se descobrir a verdade se foi a mão do homem misericórdia

Não! Só que o padre falou em satanismo e bruxaria dizendo que tem muitos centros de macumba no RS.

Satanismo e bruxaria são uma coisa e centro de macumba é outra

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 11 – Comentário sobre Ira de Deus

Comentário	
888	Bem, comprovadamente " existem mais centros de macumba no RS do que em toda a Bahia ". Parece que os orixás desse povo NÃO fizeram nada para impedir as inundações ou fizeram seus adeptos de oferenda a si mesmos. Mas Deus diz: A VINGANÇA É MINHA. Leiam Ezequiel e conheçam a ira de Deus e saibam que a ira de Deus é justa.
	Diz a bíblia, fizeram da criatura o teu criador. Isso provocou a ira de Deus
	@@felliopbrunoNão sei se você sabe, mas o Cristianismo não admite culto a outros deuses, sendo uma religião monoteísta. Cristãos consideram pecado cultuar outros deuses e acreditam que este pecado, e outros, atraí a ira de Deus. Eles não inventaram isso. Está na Bíblia, livro sagrado que os cristãos seguem. Cada um tem o direito de escolher e propagar suas crenças pessoais, inclusive o padre em questão.

Fonte: Elaborado pela autora

Tabela 12 – Comentário sobre Macumba

Linha	Comentário
888	Não vejo nenhum crime na fala do padre. Ele está ministrando a Santa Missa, pregando em plena Homilia, dentro de um templo católico para católicos. Pela doutrina católica quem não está dentro da Igreja Católica está servindo ao diabo sim. Isso é doutrina milenar da Igreja. Não se trata de discriminar ou de intolerância religiosa. Até poderia se falar em algum crime se o padre estivesse falando fora do culto católico e fora do templo católico. É preciso parar de perseguir o Catolicismo para lacrar nas redes socs.

53	É só falar a verdade o MPF vem pra cima ,todo mundo sabe disso quê estão deixando milhares de pessoas morrerem como sacrifício a satanás ,mas as almas pertencem a Deus o diabo só vai levar as almas quê serve a ele ,ela estão achando que satanás vai adular eles no inferno vai sego vocês nem sabe o que espera vocês ,exemplo disso é os quê votaram votaram em lula no nordeste depois a primeira coisa quê lula fez foi cortar a água quê Bolsonaro colocou para os nordestinos ,satanás adula pra depois massacrar ,o gato é assim judia pra depois matar o rato ,esquerda maldita seus dias estão contados no Brasil escreve ai, e nem um político quê já foi aliado da esquerda será mais aceito na política brasileira ,vai de reto satanás maior é o que está conosco do aquele quê está com essa esquerda derrotada e fracassada
908	O trabalho da UOL é fazer isso é botar população contra o padre contra a igreja para não falar a verdade porque eles são usados pelo diabo esses jornalista lacradores são tudo contra o povo não se engane eles ganham para ficar a favor do desgoverno a imprensa defende o desgoverno e persegue o povo isso é verdade se você abraça o mal é tragédia na tua vida é uma coisa espiritual tu abraça o mal tu traz maldição para você parabéns ao padre tá falando toda a verdade não tem nenhuma mentira aí nenhuma perseguição nada é verdade

Fonte: Elaborado pela autora

Os dados da planilha dos 1551 comentários foram analisados e, com a ajuda de ferramentas de Inteligência Artificial (IA) como Gemini, Perplexity, Copilot e ChatGPT, foi possível obter resultados que proporcionaram uma compreensão mais aprofundada e detalhada das informações. Essas ferramentas permitiram a identificação de padrões, a extração de insights relevantes e a análise de grandes volumes de dados de maneira eficiente, contribuindo significativamente para a qualidade e precisão da pesquisa.

A inteligência artificial (IA) é uma tecnologia computacional avançada, caracterizada por sua natureza dinâmica e contínua evolução. Sua presença é notável em diversos aspectos do cotidiano, tanto em contextos profissionais quanto pessoais. Exemplos de aplicações incluem assistentes virtuais, sistemas de recomendação, reconhecimento facial em sistemas de segurança e navegação inteligente. Na análise

de pesquisas quantitativas, a IA se destaca como uma ferramenta essencial, permitindo a leitura, interpretação e comparação de grandes volumes de dados. Tarefas que demandariam muitas horas de trabalho humano podem ser executadas pela IA em poucos minutos ou até segundos, proporcionando uma otimização significativa dos processos.

A inteligência artificial (IA) não tem como objetivo substituir as atividades humanas, mas sim complementar e facilitar essas tarefas. Nesta pesquisa, justifica-se a utilização da IA como uma ferramenta para a obtenção de resultados comparativos com aqueles demonstrados por seres humanos e automatizar e ganhar tempo.

A interação entre seres humanos e ferramentas de inteligência artificial (IA) é realizada por meio de prompts, que são comandos elaborados com o objetivo de direcionar e orientar a ferramenta computacional na busca por respostas precisas e assertivas ao problema apresentado. Portanto, a criação de um prompt pelo usuário está diretamente relacionada à eficácia dos resultados obtidos pelas ferramentas de IA.

Com base nos resultados obtidos por meio do software MAXQDA, foi gerada uma planilha contendo 1.556 comentários no formato eletrônico do Microsoft Excel. A partir desse conjunto, selecionou-se uma amostra de 1000 comentários para a aplicação de prompts voltado para análise de sentimentos. Os dados foram inicialmente classificados em três categorias principais: Positivos, Negativos e Indefinidos, em relação à fala do padre Paulo Santos. Comentários positivos são definidos como aqueles que expressam concordância com a fala, enquanto os negativos indicam discordância. Já os comentários classificados como indefinidos foram posteriormente reagrupados em subcategorias temáticas: política, religião e xingamentos, com o objetivo de refinar a compreensão das reações e ampliar a precisão interpretativa dos dados analisados.

Com a ajuda da inteligência artificial (IA), desenvolvemos uma série de prompts, que são comandos específicos usados para acionar a IA e obter resultados cada vez mais precisos. Em vez de depender de um único prompt, utilizamos um conjunto de prompts para alcançar um resultado final mais detalhado e confiável. Essa abordagem nos permite realizar uma análise mais abrangente e refinada dos dados,

garantindo que as respostas geradas pela IA sejam mais precisas e alinhadas com os objetivos da pesquisa.

Os prompts utilizados na ferramenta de IA Copilot, da Microsoft, foram os seguintes:

- *Prompt 1 – Classificação de Sentimentos:*

Você é um modelo de IA treinado para auxiliar em análises de dados textuais em pesquisas acadêmicas. Sua tarefa é processar um arquivo .csv fornecido que contém uma coluna chamada "Segmento". Nessa coluna, há textos que precisam ser classificados em três categorias de sentimento: positivo, negativo ou indefinido. Ao realizar essa classificação, siga as seguintes orientações: (1) analise o contexto semântico de cada texto da coluna "Segmento"; (2) considere que textos "positivos" expressam satisfação, otimismo ou uma visão favorável; textos "negativos" expressam insatisfação, pessimismo ou uma visão desfavorável; e textos "indefinidos" não possuem informações claras para determinar o sentimento; (3) explique brevemente sua justificativa para cada classificação realizada, caso necessário. A tarefa consiste em ler o arquivo .csv, classificar cada linha conforme os critérios acima e gerar um novo arquivo com uma coluna adicional chamada "Classificação de Sentimento", contendo o rótulo correspondente para cada linha. Os resultados devem ser precisos e confiáveis, respeitando o rigor metodológico exigido para uma pesquisa de mestrado.

Essa metodologia permitiu uma análise sistemática e replicável, garantindo maior confiabilidade aos resultados obtidos

- *Prompt 2 – Identificação de Xingamentos:*

Você é um modelo de IA treinado para auxiliar em análises de dados textuais em pesquisas acadêmicas. Sua tarefa é processar o arquivo "Classificação de Comentários 1–1000 v2.xlsx", que contém uma coluna chamada "Comentário" e outra chamada "Classificação de Sentimento". Na coluna "Classificação de Sentimento", os textos foram classificados em três categorias: "positivo", "negativo" ou "indefinido". Analise o contexto semântico de cada texto da coluna "Comentário" que está classificado como "indefinido" e gere um novo arquivo com uma coluna adicional chamada "Xingamento". Nesta nova coluna, insira o valor "verdadeiro" para os textos que contenham palavras ofensivas, xingamentos ou termos de baixo calão, por

exemplo: “merda”, “bosta”, “puta”, “caralho”, “foda”, “desgraça”, “porra”, “cu”, “vagabundo”, “lixo”, entre outros.

Essa abordagem metodológica permitiu uma análise sistemática, replicável e sensível às nuances discursivas, contribuindo para a identificação de padrões de intolerância e polarização nas reações do público.

Descrição dos Prompts Utilizados para Análise Temática

Após a classificação inicial dos comentários em positivo, negativo e indefinido, os comentários classificados como “indefinidos” foram submetidos a uma nova rodada de análise com o objetivo de identificar conteúdos relacionados a xingamentos, política e religião. Para isso, foram utilizados prompts específicos na ferramenta de inteligência artificial Copilot, da Microsoft, conforme descrito a seguir:

- *Prompt 3 – Análise de “Xingamentos” (Comentários 1–1000):*

Você é um modelo de IA treinado para auxiliar em análises de dados textuais em pesquisas acadêmicas. Sua tarefa é processar o arquivo “Classificação de Comentários 1–1000 v2.xlsx”, que contém uma coluna chamada “Comentário” e outra chamada “Classificação de Sentimento”. Analise o contexto semântico de cada texto classificado como “indefinido” e gere uma nova coluna chamada “Xingamento”, marcando como “verdadeiro” os textos que contenham palavras ofensivas ou de baixo calão, como: “merda”, “bosta”, “puta”, “caralho”, “foda”, “desgraça”, “porra”, “cu”, “vagabundo”, “lixo”, entre outras.

- *Prompt 4 – Análise de “Xingamentos” (Comentários 1001–1550):*

Mesma estrutura do Prompt 3, aplicada ao segundo conjunto de comentários (arquivo “Classificação de Comentários 1001–1550 v2.xlsx”).

- *Prompt 5 – Análise de “Política” (Comentários 1–1000):*

Analise os comentários classificados como “indefinidos” e crie uma nova coluna chamada “Política”, marcando como “verdadeiro” os textos que contenham termos relacionados ao campo político, como: “política”, “político”, “PT”, “Lula”, “PTralha”, “Bolsonaro”, “Bolsominion”, “bozo”, “Véio da Havan”, “Xandão”, “esquerda”, “direita”.

- *Prompt 6 – Análise de “Política” (Comentários 1001–1550):*

Mesma estrutura do Prompt 5, aplicada ao segundo conjunto de comentários.

- *Prompt 7 – Análise de “Religião” (Comentários 1–1000):*

Crie uma nova coluna chamada “Religião” e marque como “verdadeiro” os comentários que contenham termos relacionados à religiosidade, como: “Religião”, “Deus”, “Diabo”, “católica”, “igreja”, “bíblia”, “bruxaria”, “feitiçaria”, “seita”, “capiroto”, “macumba”, “batuque”, “satanismo”, “versículo”

- *Prompt 8 – Análise de “Religião” (Comentários 1001–1550):*

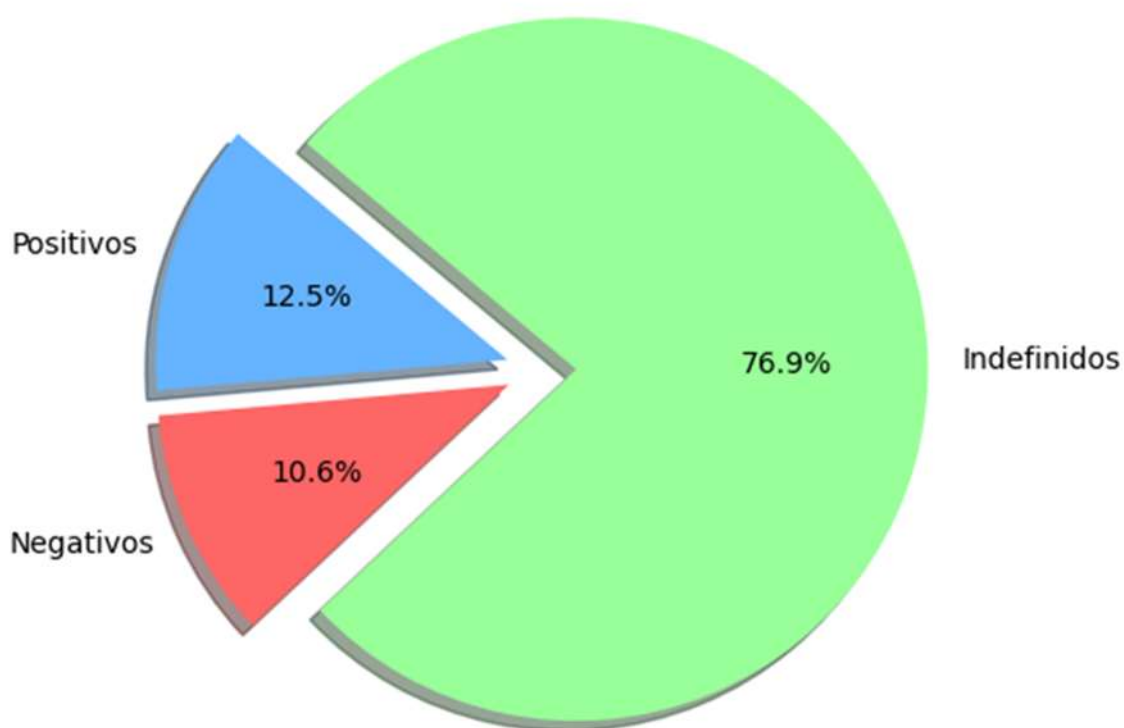
Mesma estrutura do Prompt 9, aplicada ao segundo conjunto de comentários.

Essa estratégia metodológica permitiu uma categorização temática mais refinada dos comentários, contribuindo para a identificação de padrões discursivos e para a compreensão das manifestações de intolerância religiosa, polarização política e linguagem ofensiva no ambiente digital.

Com base na aplicação dos prompts descritos anteriormente, foi possível realizar a classificação inicial dos comentários, conforme os critérios de sentimento previamente estabelecidos. A seguir, apresentam-se os resultados dessa etapa, com destaque para a distribuição percentual das categorias identificadas e, em especial, para a análise aprofundada dos comentários classificados como “indefinidos”. Essa análise complementar revelou detalhes relevantes nas interações dos usuários, permitindo uma compreensão mais precisa das diferentes camadas de sentido no ambiente digital.

A análise de sentimentos aplicada aos 1.000 comentários revelou que 12,5% foram classificados como positivos (concordância), 10,6% como negativos (discordância) e 76,8% como indefinidos. Esses dados oferecem uma visão abrangente das reações dos usuários às declarações do padre, permitindo uma leitura mais aprofundada das percepções e emoções predominantes no ambiente digital. A expressiva presença de comentários classificados como indefinidos evidencia a complexidade interpretativa dos discursos analisados, indicando que muitas manifestações não se enquadram facilmente em categorias polarizadas. Diante disso, foi realizada uma análise específica dos comentários considerados indefinidos, com o objetivo de identificar conteúdos relacionados a temas como religião, política e xingamentos. Essa etapa permitiu uma compreensão mais detalhada das camadas de sentimentos presentes nas interações, revelando como diferentes dimensões discursivas se entrelaçam nas reações dos usuários.

Gráfico 6 – Análise de sentimentos dos comentários
Análise de Sentimentos dos Comentários



Fonte: Elaborado pela autora com base no software MAXQDA

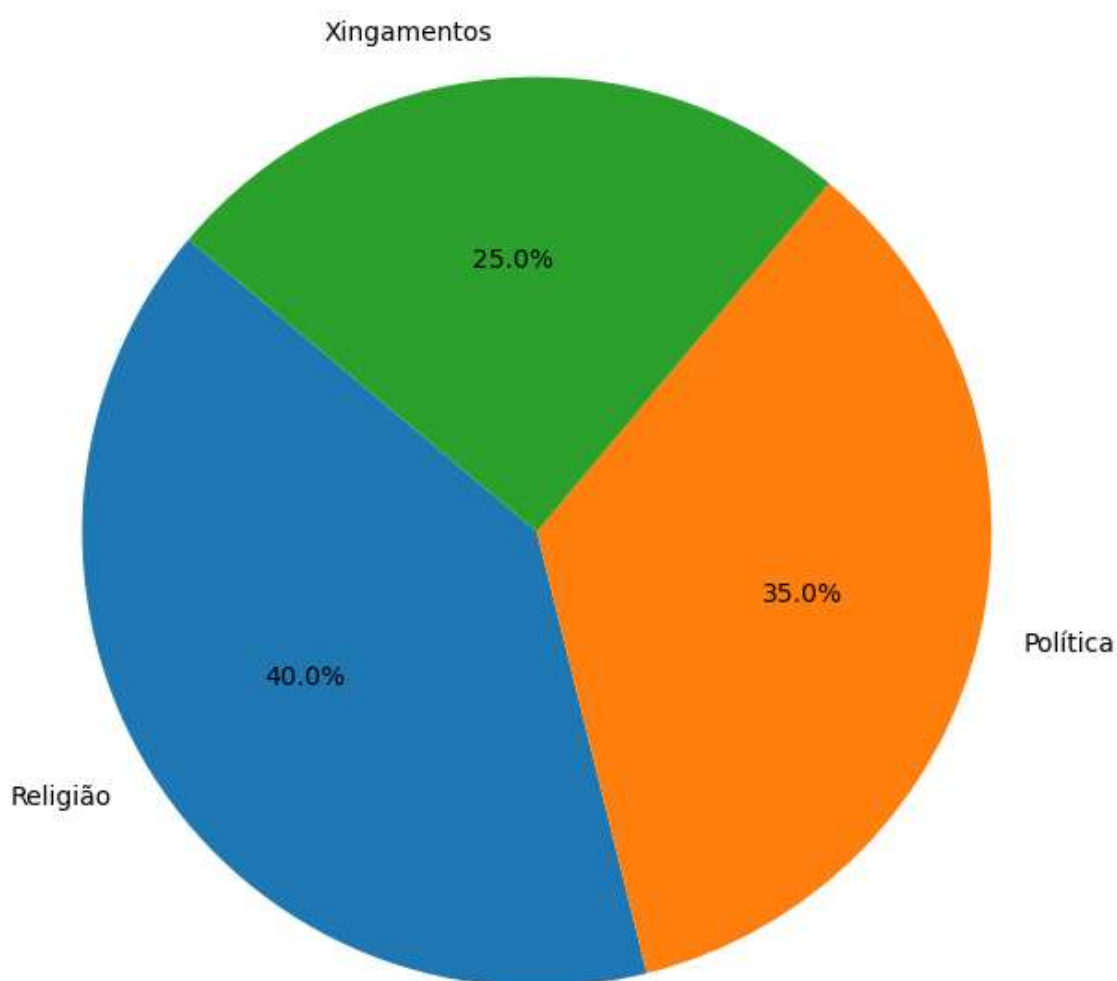
Distribuição:

12,5% foram classificados como **POSITIVOS** = que significa **CONCORDÂNCIA**;

10,6% como **NEGATIVOS** = que significa **DISCORDÂNCIA**;

76,8% como **INDEFINIDOS**, posteriormente reagrupados em **RELIGIÃO, POLÍTICA E XINGAMENTOS**.

Gráfico 7 – Distribuição dos subtemas nos comentários indefinidos
Distribuição dos Subtemas nos Comentários Indefinidos



Fonte: Elaborado pela autora com base no software MAXQDA

Distribuição estimada de comentários indefinidos:

Religião: 40%

Política: 35%

Xingamentos: 25%

Os dados foram classificados em três categorias de sentimentos: positivos (concordância), negativos (discordância) e indefinidos. Em uma análise mais detalhada, os dados foram subdivididos em categorias políticas, xingamentos e religiosas, com registros de verdadeiro ou falso para cada tema. A classificação de

sentimentos e a categorização subsequente foram realizadas utilizando técnicas de processamento de linguagem natural (PLN), que se concentram na interação entre computadores e linguagem humana. Essas técnicas permitem a análise automatizada de grandes volumes de texto, identificando padrões e extraindo informações relevantes. Os modelos de PLN, baseados em algoritmos de aprendizado de máquina, são treinados para reconhecer e classificar sentimentos e temas com alta precisão, lidando com a ambiguidade e a complexidade da linguagem natural.

Na análise da categoria de xingamentos, tivemos um resultado de 11,5% verdadeiros, onde os comentários continham xingamentos em relação à fala do padre. Em relação à categoria de política, o resultado obtido foi de 27,2% verdadeiros, visto que os comentários dos usuários foram ligados à política. Em relação à religião no total de 27,1%.

De forma mais detalhada, observa-se que, dentro da categoria de xingamentos, aproximadamente 11,5% dos comentários foram classificados como verdadeiros, ou seja, continham expressões ofensivas direcionadas à fala do padre. Esse dado revela uma resposta marcadamente emocional e negativa por parte de uma parcela dos usuários, evidenciando não apenas a intensidade das reações adversas, mas também o grau de polarização presente nas interações. A presença significativa de xingamentos sugere que o conteúdo analisado provocou não apenas discordância, mas também manifestações de repúdio com forte carga afetiva, o que contribui para a compreensão das dinâmicas de conflito e tensão no ambiente discursivo digital.

No que se refere à categoria política, verificou-se que 27,2% dos comentários classificados como verdadeiros estavam relacionados a discussões de cunho político. Esse dado indica que uma parcela expressiva dos usuários interpretou a fala do padre a partir de uma perspectiva politizada, evidenciando a intersecção entre religião e política nas formas de recepção do conteúdo. Tal resultado revela como o discurso religioso, a circular em ambientes digitais, pode ser ressignificado por meio de filtros ideológicos, refletindo disputas discursivas e posicionamentos que extrapolam o campo estritamente religioso e adentram o debate público contemporâneo.

Por fim, da categoria religiosa, observou-se que 27,1% dos comentários classificados como verdadeiros abordaram diretamente aspectos vinculados ao conteúdo religioso da fala do padre. Tal dado evidencia a centralidade do discurso religioso na interpretação dos usuários, ressaltando seu papel na conformação de

crenças e práticas. Esse resultado reforça a importância do contexto religioso como elemento estruturante das reações discursivas, especialmente em ambientes digitais, onde sentidos são constantemente negociados e reinventados.

Os resultados mostram que os comentários tiveram reações intensas em três áreas principais: política, religião e xingamentos. Muitos comentários estavam relacionados à política e religião, destacando como esses temas são sensíveis e polarizadores. A presença de xingamentos revela a carga emocional que tais discursos podem gerar. Isso nos ajuda a entender a complexidade das reações às falas religiosas nas plataformas digitais, refletindo as dinâmicas sociais e culturais que moldam a comunicação online.

Com o objetivo de aprofundar a compreensão das reações dos usuários à fala do padre, foi elaborado um quadro analítico contendo uma amostragem qualitativa composta por 20 comentários, sendo 10 classificados como positivos (expressões de concordância) e 10 como negativos (expressões de discordância). Esses comentários foram selecionados a partir de um corpus de 1.000 interações coletadas em plataformas digitais. A proposta dessa seleção é oferecer uma leitura mais sensível e contextualizada das manifestações discursivas, permitindo a identificação de nuances argumentativas, tonalidades emocionais e padrões de posicionamento que não são plenamente captados por abordagens exclusivamente quantitativas. Assim, a análise qualitativa complementa os dados estatísticos, contribuindo para uma interpretação mais abrangente e aprofundada do fenômeno em estudo.

Os dados foram selecionados de forma manual para demonstrar os comentários e as reações dos internautas. Esta seleção nos permitiu entender as diferentes opiniões e sentimentos sobre o discurso do padre. A escolha manual dos comentários garante a representatividade e a relevância das respostas, contribuindo para uma análise mais detalhada e fundamentada.

Tabela 13 - Comentários Positivos e Negativos

Positivo	Negativo
Linha 12 do Excel - Padre só falou verdades	Linha 4 - Esse padre é uma vergonha para a igreja católica.
Linha 14 – Concordo	Linha 23- @@augustoaugustodossantos5106 Eu sou católico praticante, é não posso concordar com um padre que julga a fé dos outros colocando no mesmo balaio religiões de matriz africana, com quem usa religião pra fazer o mal como magia negra, é chantagem psicológica (como o diabo vai te pegar se tu não me passar a escritura da tua casa) pra explorar os fiéis, quanto a tua sugestão eu agradeço más eu sei o meu caminho é não sei porque bbb é madona que eu nunca assisti talvez tu esteja me confundindo com outra pessoa!
Linha 988- Todo o meu apoio ao padre.	Linha 985 - Esse padre deve ser afastado da igreja. Não tem condições de pregar o evangelho de Jesus Cristo. Me poupe padre, quem causou esse crime ambiental foram os políticos tudo para atender os empresários. Agora o senhor vem imputar esses crimes ambiental as religiões de matriz africana? O povo não cai mais nessas mentiras. Todo mundo sabe que a igreja católica foi favorável a escravidão. Alguns padres tinham escravos. Vocês nunca aceitaram as religiões de matriz africana. O senhor precisa converter.
Linha 985- Padre está certíssimo: o RS concentra o maior número de terreiros, satanistas e bruxas, estado filho de satã e orixás, estão pagando por todos os sacrifícios de crianças e	Tabela 2 – linha 18 Padre quer a volta da Inquisição? Hipócrita. Falso cristão.

animais e que sejam mortos todos! Ohh cantarabraxuias	
Linha 984 - Estou com o senhor padre 🙌🙌 por falar a verdade.	Tabela 2 – linha 20 - Nada a ver! Ainda tem "gente" que escuta o que esse "ser" das trevas fala.
Linha 770 - O padre falou a real.	Linha 971- Quando não sabe alguma coisa melhor calar a boca
Linha 680 - Será que falar a verdade é errado? Dou meu total apoio a esse padre.	Linha 956 - Intolerância religiosa é crime e ponto final! Pode chorar, espremer, fazer birra e mi-mi-mi que não vai mudar o fato desse padre ter cometido crime!
Linha 664 - Esse padre está totalmente certo e penso a mesma coisa e boa parte da minha família pensa o mesmo que esse padre falou	Linha 945 - O padre literalmente chamou os gaúchos de satanista só pelo estado ser mais ateu do país 💀💀💀 Isso é literalmente intolerância religiosa
Tabela 02 – linha 546- O padre tá certo a alguns dias inauguraram uma estátua de Lúcifer lá no RS.	Linha 94- Somente mais um grande imbecil e suas falácias em nome de deus.
Tabela 02 – linha 464 - Parabéns ao Padre, Porto Alegre a cidade com mais terreiros no Brasil. Tudo uma consequência!	Linha 160 - Meu Deus este Padre não sabe o que fala

Fonte: Elaborado pela autora

Observamos que os comentários dos internautas apresentam tanto reações positivas (Concordância) quanto negativas (Discordância) em relação à fala do padre. Essa diversidade de opiniões revela a percepção do público sobre o vídeo, resultando em uma discussão acalorada entre os comentários principais e suas respectivas respostas.

2.1 Análise humana comparada com a inteligência artificial

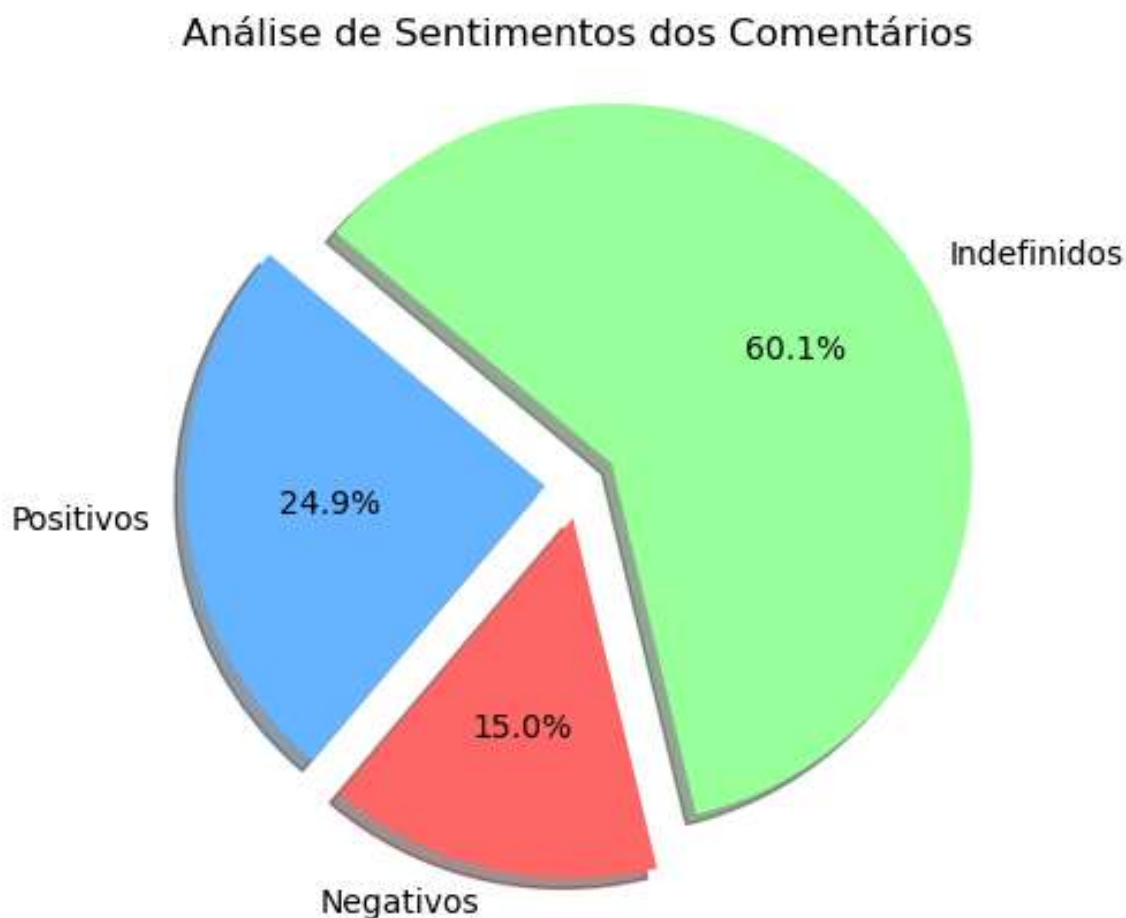
Para garantir a confiabilidade dos dados gerados pela inteligência artificial, foi realizada uma amostragem aleatória de 307 comentários dentre os 1000 originais.

Esses comentários foram analisados manualmente e comparados com os resultados gerados pela IA. Esse processo de validação cruzada visa aumentar a precisão e a confiabilidade dos resultados, assegurando que a inteligência artificial produza dados consistentes e alinhados com a análise humana.

Foram selecionados os comentários raiz, excluindo-se os subcomentários. Nesses comentários principais, foram analisados os sentimentos apontados, categorizando-os como positivos, negativos ou indefinidos. Posteriormente, esses sentimentos foram subdivididos em categorias temáticas: religião, xingamentos e política.

Na análise de amostragem humana, analisamos 301 comentários. Destes, 75 foram classificados como positivos, 45 como negativos e 181 como indefinidos em relação à fala do padre. Esses resultados revelam a diversidade de reações dos internautas, refletindo as percepções e sentimentos manifestos. Ao categorizar esses sentimentos, podemos compreender melhor as sutilezas emocionais e as opiniões expressas pelos participantes do estudo.

Gráfico 8 – Análise de sentimentos dos comentários



Fonte: Elaborado pela autora com base no software MAXQDA

75 comentários (24,9%) foram classificados como **POSITIVOS** (concordância);
45 comentários (15%) como **NEGATIVOS** (discordância);
181 comentários (60,1%) como **INDEFINIDOS**.

Para verificar a confiabilidade dos dados, realizamos uma análise comparativa entre os 301 comentários selecionados dentre os 1000 comentários originais. O objetivo foi identificar e quantificar os erros cometidos pela inteligência artificial em relação à análise humana. Esta comparação é fundamental para avaliar a precisão e a eficácia do modelo de inteligência artificial na classificação de sentimentos, bem como para identificar possíveis áreas de melhoria.

A análise comparativa entre a inteligência artificial e a análise humana é importante para entender a confiabilidade dos dados. A inteligência artificial pode apresentar erros na classificação de sentimentos, já a comparação com a análise

humana permite identificar essas discrepâncias. A precisão da inteligência artificial na classificação de sentimentos é essencial para garantir que as interpretações dos dados sejam válidas e úteis para a tomada de decisões.

Esses comentários ilustram a diversidade de reações dos usuários e destacam a importância de uma análise precisa e confiável dos sentimentos expressos. A comparação entre a inteligência artificial e a análise humana é um passo fundamental para aprimorar a eficácia dos modelos de inteligência artificial na interpretação de dados de sentimentos.

A comparação entre a análise de sentimentos realizada pela inteligência artificial e a análise humana revelou que, dos 301 comentários selecionados, 262 foram classificados de forma idêntica por ambos os métodos, enquanto 39 apresentaram inconsistências. Esses resultados indicam que a inteligência artificial possui uma baixa taxa de erro em relação à análise humana, demonstrando sua eficácia e confiabilidade na classificação de dados, nesse caso em relação aos sentimentos.

Gráfico 9 – Comparação entre análise de sentimentos por IA e análise humana



Fonte: Elaborado pela autora com base no software MAXQDA

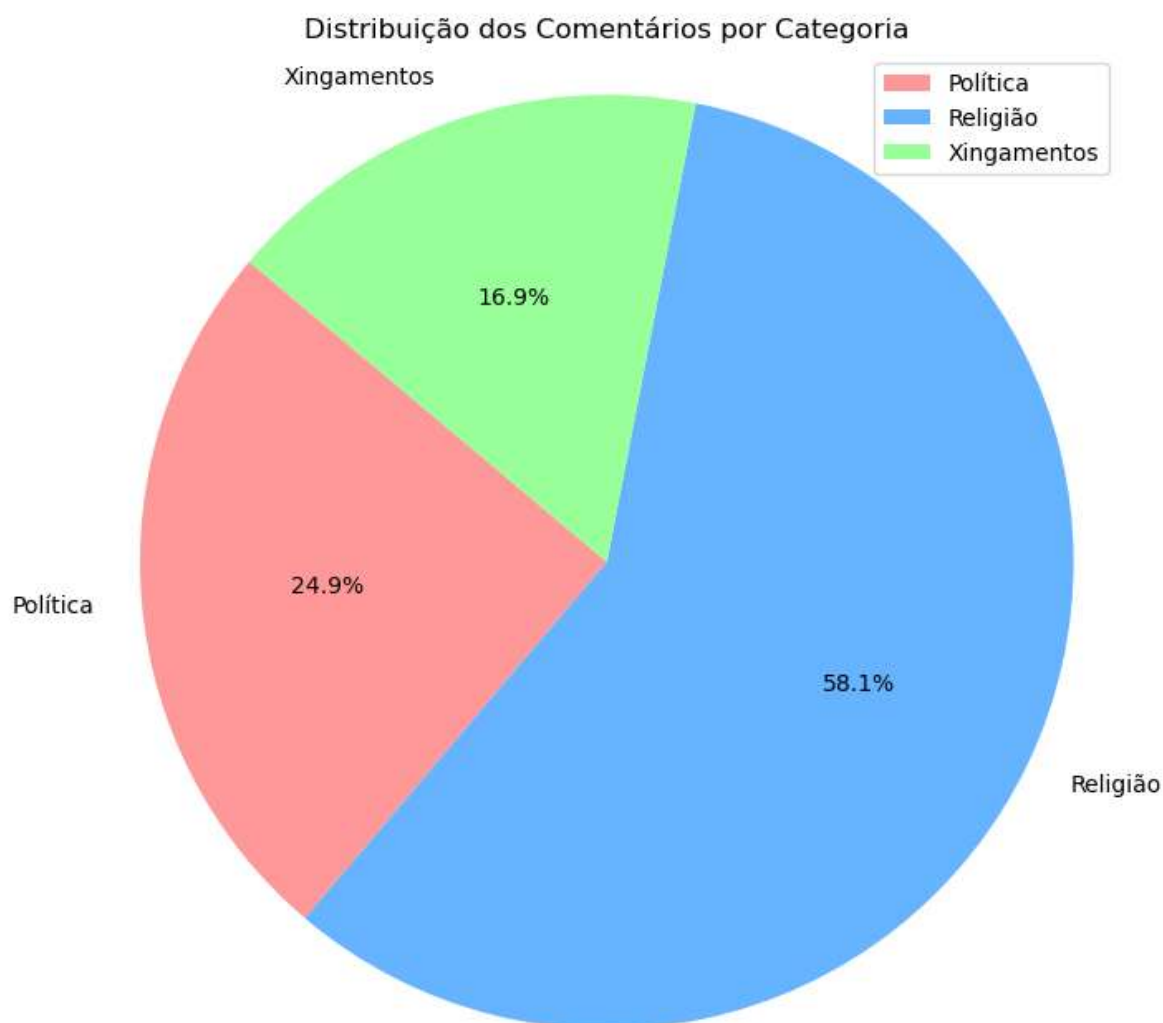
O gráfico revela que 87% das classificações de sentimentos foram idênticas entre a inteligência artificial e a análise humana, enquanto 13% apresentaram divergências. Esses resultados destacam a eficácia e a confiabilidade da inteligência artificial na tarefa de classificação de sentimentos, mostrando que ela pode ser uma ferramenta valiosa e precisa nesse contexto, lembrando que as ferramentas de IA estão em constante evolução em busca de auxiliar o humano nas mais diversas tarefas com o objetivo de obter resultados mais precisos num menor tempo possível.

Na análise de sentimentos dos 301 comentários originais feitos de forma humana, realizamos uma subdivisão em três categorias principais: religião, política e xingamentos. Essa categorização foi fundamental para uma compreensão mais aprofundada dos tópicos dominantes e da dinâmica das interações nos comentários.

Na análise detalhada dos comentários, observamos que 75 deles tinham ênfase em política, 175 estavam relacionados à religião e 51 eram xingamentos. É importante salientar que, nos comentários religiosos, muitos usuários expressaram sua fé, enquanto outros demonstraram descontentamento com as religiões de matriz africana. Em relação à política, muitos comentários continham discursos de ódio tanto ao presidente anterior quanto ao atual, refletindo um descontentamento generalizado com a política nos dias de hoje. Por fim, os xingamentos foram direcionados tanto à fala do padre quanto aos comentários feitos por outros usuários, demonstrando a insatisfação com as opiniões relatadas.

Considerando o total de 301 comentários analisados como representando 100% da amostra, foi possível calcular a distribuição percentual das categorias identificadas: 24,9% dos comentários apresentaram conteúdo relacionado à política, 58,1% abordaram temáticas religiosas e 16,9% continham xingamentos. A representação gráfica desses dados permite uma visualização clara da predominância de discursos religiosos no corpus analisado, seguida por manifestações de cunho político e, em menor proporção, por comentários ofensivos. Essa categorização percentual contribui para uma compreensão mais precisa da natureza das interações dos usuários nas plataformas digitais.

Gráfico 10 – Distribuição dos comentários por categoria



Fonte: Elaborado pela autora com base no software MAXQDA

Distribuição do Gráfico:

175 comentários (58,1%) estavam relacionados à religião;

75 comentários (24,9%) abordavam política;

51 comentários (16,9%) continham xingamentos.

É oportuno mencionar que os comentários subdivididos não foram comparados com a análise realizada pela Inteligência Artificial, pois a comparação foi focada nos sentimentos, com o objetivo de esclarecer a confiabilidade dos dados coletados pela IA. No entanto, a contagem e classificação dos comentários foram realizadas manualmente, garantindo a precisão e a integridade das informações analisadas.

Por fim, a comparação focada nos sentimentos, sem incluir a subdivisão manual dos comentários, garantiu mais precisão e a integridade dos dados analisados, mostrando que a combinação de métodos automatizados e manuais pode proporcionar resultados precisos e confiáveis. Isso salienta a importância de continuar aprimorando as ferramentas de IA para auxiliar em diversas tarefas, visando sempre a obtenção de uma pesquisa eficaz e resultados assertivos.

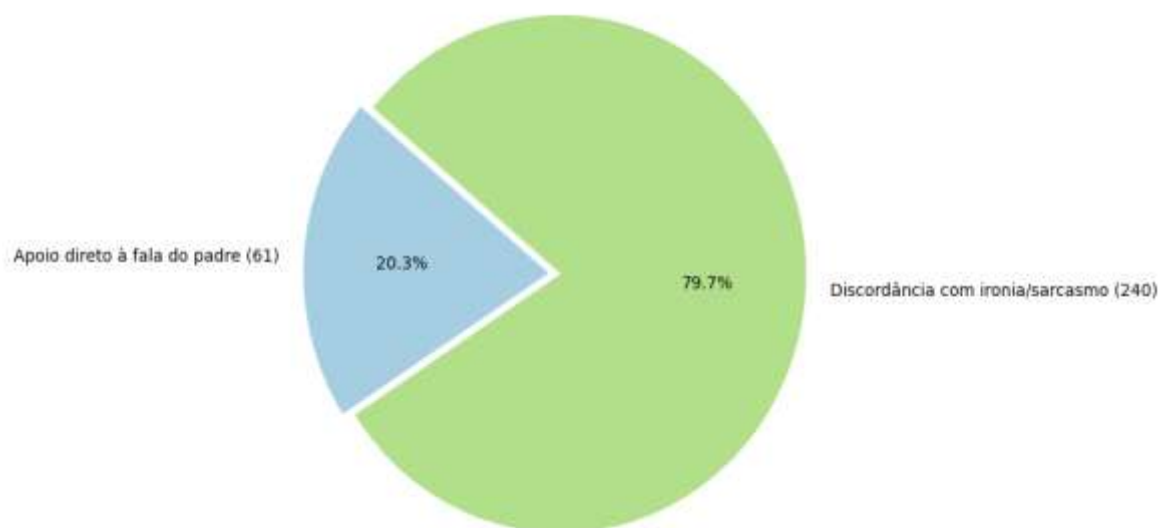
2.2 Entre a censura velada e o endosso explícito: um olhar sobre os comentários religiosos

Ao aprofundar a análise dos comentários inicialmente classificados, em sua maioria, como “indefinidos” na categoria religião, foi possível identificar elementos discursivos relevantes que não haviam sido plenamente captados na leitura automatizada inicial. Dentre os 301 comentários analisados manualmente, 61 se destacaram por expressarem apoio direto à fala do padre, frequentemente reiterando argumentos já presentes nos comentários raízes que demonstravam concordância. Esses registros não apenas reforçam a adesão ao discurso religioso proferido, como também evidenciam a formação de uma rede de reafirmação simbólica sustentada por valores e crenças compartilhadas.

Por outro lado, observou-se que uma parcela significativa dos comentários religiosos discordantes não se limitava a uma simples negação do conteúdo, ou seja, 240 comentários. Muitos deles adotavam um tom de ironia, sarcasmo ou até mesmo escárnio, o que indica uma forma de resistência discursiva que vai além da crítica racional. Essa postura sugere que, para parte dos usuários, a fala do padre não apenas foi rejeitada, mas também ridicularizada, como forma de deslegitimar seu conteúdo e sua autoridade.

Esses dados revelam um cenário de forte polarização nas reações à fala religiosa em ambientes digitais. De um lado, encontram-se os usuários que se identificam com o discurso e o reforçam; de outro, aqueles que o rejeitam com veemência, utilizando o humor como instrumento de crítica. Essa dinâmica evidencia como o espaço digital se configura como um campo de disputas simbólicas, onde crenças, valores e interpretações religiosas são constantemente tensionados, ressignificados e renegociados.

Gráfico 11 – Distribuição dos comentários religiosos refinados
Distribuição dos Comentários Religiosos Refinados



Fonte: Elaborado pela autora com base no software MAXQDA

61 comentários (20,3%) expressam apoio direto à fala do padre.

240 comentários (79,7%) expressam discordância, frequentemente com tom de ironia, sarcasmo ou escárnio.

O gráfico acima demonstra que aproximadamente 20% dos comentários, entre raízes (principais) e subcomentários (respostas), expressam concordância com a fala do padre Paulo Santos. Quando somados aos comentários previamente classificados como positivos (concordância) na planilha geral, esse número ultrapassa 30% do total analisado. Esse dado revela que, embora a maioria das reações tenha sido de discordância, há uma adesão significativa ao discurso religioso proferido, o que reforça a necessidade de refletir sobre a disseminação e a aceitação de narrativas intolerantes, cuja circulação é ampliada e intensificada, evidenciando o poder de potencialização dessas mensagens no ambiente digital da sociedade contemporânea.

Além disso, a escolha da Análise do Discurso como abordagem teórica permite compreender os comentários analisados não apenas como manifestações individuais, mas como enunciados que circulam em formações discursivas historicamente situadas. Foucault (2014) nos ensina que o discurso é uma prática que produz efeitos de verdade e está intrinsecamente ligado às relações de poder. Já Orlandi (2009) destaca que o sentido não está dado, mas é construído na relação entre o sujeito, a ideologia e a história. Assim, os discursos de intolerância religiosa observados nas

plataformas digitais são compreendidos como atualizações de estigmas coloniais, que operam na constituição de subjetividades e na manutenção de hierarquias simbólicas.

Dessa forma, o Capítulo II evidenciou como os discursos de intolerância religiosa, ao serem disseminados nas plataformas digitais, não apenas refletem preconceitos históricos, mas também os atualizam e intensificam. A análise dos comentários ao vídeo do padre Paulo Santos revelou um campo discursivo marcado por disputas simbólicas, em que crenças, afetos e ideologias se entrelaçam. Esses dados reforçam a importância de compreender o ambiente digital como um espaço de produção de sentidos e de legitimação de narrativas, muitas vezes excludentes.

CAPÍTULO III

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Este capítulo realiza uma análise integrada entre os dados históricos e conceituais discutidos no Capítulo 1 e as evidências discursivas extraídas dos comentários examinados no Capítulo 2. O objetivo central é compreender de que maneira os discursos de intolerância religiosa, com ênfase nos comentários dirigidos às religiões de matriz africana, se manifestam, se expressam, reproduzem e se reconfiguram no ambiente digital contemporâneo, especialmente em contextos de comoção social, como a tragédia climática ocorrida no Rio Grande do Sul em 2024.

A análise revela que o espaço digital não apenas reflete, mas intensifica dinâmicas sociais historicamente consolidadas no tecido sociocultural brasileiro, como o racismo religioso e a marginalização simbólica das tradições afro-brasileiras. Ao cruzar os dados históricos com os padrões discursivos observados nas plataformas digitais, busca-se compreender os mecanismos de legitimação, resistência e disputa simbólica que estruturam o debate público em momentos de crise.

3.1 Do passado ao presente: a permanência da intolerância religiosa nas representações sociais e nas mídias digitais

A análise dos comentários demonstra a persistência de um imaginário colonial profundamente enraizado, que associa as religiões afro-brasileiras a práticas demonizadas, como “bruxaria”, “satanismo” e “macumba”. Essa construção simbólica, conforme discutido no Capítulo 1, remonta ao período colonial, quando a Igreja Católica e o Estado atuaram conjuntamente na repressão e criminalização dessas expressões religiosas. Ao longo da história, tais práticas foram sistematicamente marginalizadas e estigmatizadas, sendo enquadradas como ameaças à ordem moral e espiritual dominante. No ambiente digital contemporâneo, esse imaginário é reatualizado e amplificado, evidenciando a continuidade de uma lógica excludente que atravessa séculos.

A declaração do padre Paulo Santos, ao afirmar que o Rio Grande do Sul “abraçou a bruxaria e o satanismo”, reflete um discurso que resgata estigmas históricos associados às religiões marginalizadas, os quais já estavam presentes tanto no Código Penal de 1890 quanto nas práticas inquisitoriais. A análise dos comentários

coletados demonstra que esse tipo de narrativa ainda reverbera em parcelas expressivas da sociedade, evidenciado pelos 12,5% de comentários com posicionamento positivo (concordância) à fala e pelos 27,1% que apresentam conteúdo de cunho religioso. Isso revela como essas construções simbólicas continuam a influenciar percepções contemporâneas, potencializadas pelo alcance e pela velocidade com que as mídias digitais permitem a circulação desse discurso.

3.2 Ressignificação e reforço de discursos religiosos intolerantes no ambiente digital

As plataformas digitais funcionam como espaços de expressão e confronto de ideias, onde diferentes grupos sociais compartilham, contestam e resignificam discursos. O Capítulo 2 mostra que, embora apenas 10,6% dos comentários tenham sido explicitamente negativos, 76,8% foram classificados como indefinidos. Esses comentários, ao serem reagrupados em categorias como política, religião e xingamentos, revelam que o discurso religioso intolerante não é apenas reproduzido, mas também reinterpretado de acordo com as visões e interesses de quem o consome. Isso evidencia como, no ambiente digital, discursos como o do padre Paulo Santos ganham novos sentidos e são apropriados de formas diversas, refletindo a complexidade das interações sociais online.

A análise qualitativa apresentada no Capítulo 2, com base em uma amostra de 301 comentários analisados manualmente, permitiu identificar aspectos relevantes tanto do conteúdo quanto da forma como os discursos foram construídos, os quais não haviam sido plenamente captados pela leitura automatizada. Dentre os comentários analisados, 58,1% foram classificados como pertencentes à categoria religiosa. Dentro desse grupo, ao cruzar com os comentários positivos (concordância geral de 12,5%), observou-se que aproximadamente 30% expressaram concordância direta com a fala do padre Paulo Santos, muitas vezes reiterando argumentos semelhantes aos encontrados nos comentários de apoio mais explícito.

Esse dado revela que, mesmo em um ambiente marcado pela diversidade de opiniões, há uma parcela significativa de usuários que não apenas compartilha da visão expressa pelo religioso, mas também contribui para sua legitimação no espaço digital. A presença desse apoio evidencia a formação de uma rede simbólica de reafirmação, sustentada por valores e crenças compartilhadas, que fortalece a

circulação de discursos religiosos intolerantes nas plataformas digitais. Assim, os dados do Capítulo 2 demonstram que esses ambientes não apenas reproduzem discursos, mas também os ressignificam e potencializam, refletindo a complexidade das disputas simbólicas na sociedade contemporânea.

Complementando essa análise, o levantamento quantitativo dos termos mais recorrentes como “satanismo”, “bruxaria”, “ira de Deus”, “macumba” e “diabo”, revela a persistência de um vocabulário moralizante utilizado para interpretar eventos trágicos. A frequência de expressões como “satanismo” (7,6%) e “bruxaria” (6,7%) sugere uma tentativa de atribuir causas espirituais a desastres naturais, o que contribui para a culpabilização simbólica de religiões minoritárias.

Ao cruzar esses dados com as discussões do Capítulo 1, observa-se que tais categorias não são novas: elas têm raízes históricas em discursos religiosos e jurídicos, como o Código Penal de 1890 e as práticas inquisitoriais. Assim, o que se evidencia é uma continuidade simbólica, as plataformas digitais não criam essas narrativas, mas as atualizam, reforçando estruturas discursivas excludentes que atravessam o tempo e se adaptam às novas formas de circulação e recepção no meio online.

3.3 A reafirmação da intolerância religiosa no ambiente digital

A análise dos comentários de primeira linha, aqui compreendidos como manifestações discursivas originárias, ou seja, aqueles que iniciam as discussões nas plataformas digitais, revela um dado alarmante: uma parcela significativa desses comentários expressa concordância com discursos que associam a tragédia ocorrida no Rio Grande do Sul a práticas religiosas de matriz afro-brasileira. Essa aceitação não se configura como uma simples opinião individual, mas sim como a reprodução de um padrão histórico de discriminação religiosa, conforme detalhado no Capítulo 1.

Os dados indicam que 12,5% dos comentários analisados foram classificados como positivos (concordância), no sentido de expressarem apoio direto à narrativa que responsabiliza religiões de matriz africana por eventos trágicos. Entre os comentários de primeira linha (raízes), observamos que muitos não apenas endossam essa perspectiva, mas também a amplificam, recorrendo a termos como “bruxaria”, “satanismo” e “macumba” de maneira pejorativa e estigmatizante.

O aspecto mais preocupante da análise emerge nas respostas aos comentários de primeira linha (raízes), os chamados comentários secundários (subcomentários). A maioria dessas interações não apenas reforça o conteúdo discriminatório inicial, como também o intensifica, revelando uma adesão significativa à intolerância religiosa. Embora existam manifestações de discordância e defesa da diversidade religiosa, essas manifestações são numericamente inferiores. O alto percentual de respostas que reiteram ou justificam discursos intolerantes indica que o discurso de ódio não apenas circula, mas é amplamente validado no ambiente digital. Apesar da expressividade numérica dessas manifestações, muitas apresentam argumentos frágeis e desprovidas de dados consistentes, do ponto de vista da racionalidade científica e lógica argumentativa.

Essa adesão coletiva ao discurso intolerante evidencia a persistência de um imaginário social que, desde os tempos coloniais, historicamente associa as práticas religiosas afrodescendentes ao mal, à desordem e à punição divina. Como discutido no Capítulo 1, tal imaginário foi construído e consolidado por meio de mecanismos de repressão institucional, criminalização legal e marginalização simbólica dessas tradições. No contexto atual, observa-se uma reatualização desse discurso no ambiente digital, agora impulsionado por algoritmos e amplificado pelas dinâmicas virais das redes sociais, o que contribui para a sua disseminação e naturalização em larga escala. Trata-se, portanto, de uma continuidade histórica que ganha novas formas, mas mantém efeitos de exclusão e estigmatização.

Ainda mais preocupante é o fato de que essa narrativa de intolerância religiosa não se restringe a um único grupo religioso. Comentários provenientes de usuários identificados com diferentes tradições cristãs, tanto católicas quanto evangélicas, convergem na reprodução de discursos que reforçam a exclusão das religiões de matriz africana. Essa convergência entre distintas vertentes do cristianismo em torno da intolerância revela que o racismo religioso não é um fenômeno pontual ou isolado, mas sim estrutural. Ele atravessa fronteiras doutrinárias e se manifesta de forma naturalizada no senso comum, perpetuando estigmas históricos e reforçando desigualdades simbólicas no espaço digital.

Portanto, a aceitação da narrativa excludente nos comentários de primeira linha (raízes), somada ao acolhimento predominante nas respostas secundárias (subcomentários), não deve ser subestimada. Esses comportamentos configuram

formas de legitimação social de um discurso que perpetua a violência simbólica contra comunidades historicamente marginalizadas. O ambiente digital, ao favorecer a recirculação e amplificação dessas mensagens, não apenas reflete, mas também intensifica estruturas históricas de exclusão e preconceito, contribuindo para sua naturalização no imaginário coletivo.

3.4 Requalificação dos comentários indefinidos: uma leitura crítica das reações digitais

Durante a análise dos 1.000 comentários extraídos do vídeo do padre Paulo Santos, identificou-se que 76,8% das interações foram inicialmente classificadas como “indefinidas” quanto ao sentimento, ou seja, não expressavam de maneira explícita concordância ou discordância com a fala do religioso. No entanto, essa categorização preliminar mostrou-se insuficiente para captar a complexidade dos discursos presentes nas interações digitais. Conforme discutido nos capítulos anteriores, especialmente no que se refere à dimensão simbólica e histórica da intolerância religiosa (Capítulo 1), evidenciou-se a necessidade de uma abordagem interpretativa mais sensível e aprofundada.

Diante da limitação da classificação automatizada, procedeu-se à requalificação manual e temática dos comentários inicialmente considerados “indefinidos”. Essa etapa foi conduzida com base nas categorias de religião, política e xingamentos, conforme estabelecido na metodologia apresentada no Capítulo 2. A análise refinada permitiu identificar expressões argumentativas mais complexas, como o uso de ironia, ambiguidade e referências simbólicas associadas à histórica marginalização das religiões de matriz africana. Tal reclassificação contribuiu para uma compreensão mais densa das dinâmicas de legitimação e resistência que atravessam o ambiente digital, evidenciando como discursos de intolerância são ressignificados, reforçados ou contestados nas plataformas sociais contemporâneas.

Conforme discutido anteriormente, a análise manual de uma amostra composta por 301 comentários reforça a complexidade das manifestações discursivas no ambiente digital contemporâneo. Dos 181 comentários inicialmente classificados como “indefinidos”, 58,1% foram posteriormente reclassificados como pertencentes à categoria religiosa. Dentre esses, cerca de 30% expressavam concordância direta com as declarações do padre Paulo Santos, o que evidencia que a intolerância

religiosa não se restringe a enunciados abertamente ofensivos, mas também se manifesta por meio de construções simbólicas, ambíguas e profundamente enraizadas em estruturas culturais historicamente consolidadas.

Adicionalmente, a reclassificação revelou que 28,1% dos comentários religiosos de teor discordante recorriam a estratégias discursivas como a ironia, o sarcasmo e o escárnio, formas de resistência que transcendem a crítica racional e assumem contornos afetivos e simbólicos. Esses dados, já apresentados no Capítulo 2, são aqui retomados com o objetivo de enfatizar a polarização discursiva que caracteriza o ambiente digital, compreendido como um espaço de disputa simbólica permanente, no qual crenças, valores e identidades religiosas são continuamente tensionados, reinterpretados e negociados.

A requalificação dos comentários inicialmente classificados como indefinidos revelou-se fundamental para aprofundar a compreensão sobre a complexidade das manifestações discursivas observadas nas plataformas digitais. Esse processo analítico permitiu evidenciar não apenas a presença de intolerância religiosa em sua forma explícita, mas também sua legitimação simbólica e circulação velada por meio de construções discursivas ambíguas e culturalmente marcadas. Os dados reforçam a relevância de abordagens metodológicas mistas, que integrem técnicas quantitativas e qualitativas como estratégia eficaz para apreender, com maior precisão, os sentidos produzidos nas interações online, especialmente em contextos atravessados por discursos de ódio e dinâmicas de exclusão religiosa.

3.5 A efetividade da análise com inteligência artificial

A comparação entre a análise manual e a realizada por inteligência artificial revelou uma expressiva taxa de concordância de 87%. Esse resultado mostra que, mesmo diante da complexidade dos discursos analisados, as ferramentas computacionais têm se mostrado eficazes na triagem e categorização de grandes volumes de dados. A confiabilidade dos métodos automatizados, especialmente em tarefas de classificação inicial e identificação de padrões, é, portanto, reforçada por esse alto índice de alinhamento com a análise humana.

Ainda assim, a investigação qualitativa traz à tona limitações importantes dos modelos automatizados. Elementos como ironia, ambiguidade e referências culturais específicas, muitas vezes sutis e profundamente enraizados no contexto, continuam

sendo desafios para os algoritmos, que operam com base em padrões linguísticos mais literais e menos sensíveis às camadas simbólicas do discurso.

A análise manual de 301 comentários revelou que 24,9% apresentavam conteúdo positivo (concordância), 15% negativo (discordância) e 60,1% foram classificados como indefinidos. Esses números evidenciam a complexidade interpretativa envolvida, especialmente em temas sensíveis como a intolerância religiosa, onde os sentidos não estão apenas nas palavras, mas também nos sentimentos, nas entrelinhas e nas experiências que atravessam cada fala.

A alta taxa de concordância entre os métodos, no entanto, valida o uso da inteligência artificial como aliada no processo analítico. Quando integrada a uma leitura crítica e interpretativa, a tecnologia se torna uma ferramenta poderosa para ampliar o alcance e a profundidade das análises.

Dessa forma, reafirma-se a importância de uma abordagem metodológica mista que una o rigor dos dados quantitativos à sensibilidade da análise qualitativa. Em contextos marcados por disputas simbólicas e afetivas, como o da intolerância religiosa, essa combinação é essencial para captar não apenas o que é dito, mas também o que é sentido, insinuado e silenciado.

3.6 Considerações analíticas finais: entre a persistência histórica e os desafios contemporâneos

A análise desenvolvida neste capítulo evidencia que os discursos de intolerância religiosa não apenas persistem no imaginário social brasileiro, mas também se reconfiguram diante das novas dinâmicas de circulação simbólica proporcionadas pelas plataformas digitais. Conforme argumenta Foucault (2014), o discurso não deve ser compreendido como mero reflexo da realidade, mas como uma prática social que produz efeitos de verdade e está profundamente imbricada nas relações de poder. Sob essa perspectiva, os comentários analisados demonstram que o ambiente digital se constitui como um espaço privilegiado para a reatualização de estigmas históricos, sobretudo aqueles direcionados às religiões de matriz africana, que continuam sendo alvo de associações pejorativas e narrativas excludentes.

O ambiente digital permite uma diversidade de opiniões sem controle e, ao passo que potencializa a disseminação de narrativas excludentes e estigmatizantes, também se revela como espaço de resistência simbólica, denúncia e ressignificação.

É nesse cenário de disputas de sentidos que o legado colonial não apenas se perpetua, mas também é tensionado, confrontado e, em alguns casos, desconstruído. As plataformas digitais, ao ampliarem o alcance e a velocidade da circulação discursiva, tornam-se arenas onde memórias históricas, identidades religiosas e estruturas de poder são constantemente negociadas, revelando tanto a persistência quanto a possibilidade de transformação dos imaginários sociais.

Diante da complexidade que marca os discursos contemporâneos, a pesquisa em Comunicação é desafiada a aprofundar seu olhar sobre as dinâmicas de poder, linguagem e subjetivação que os atravessam. Compreender essas camadas discursivas torna-se fundamental não apenas para a interpretação crítica dos fenômenos sociais, mas também para que a área contribua ativamente na construção de uma sociedade mais justa, plural e comprometida com o respeito à diversidade religiosa.

3.7 Entre o sagrado e o algoritmo: a produção de verdades no ambiente digital

A análise desenvolvida ao longo desta pesquisa evidencia que os discursos de intolerância religiosa nas plataformas digitais não apenas reproduzem estigmas históricos, mas também operam como mecanismos contemporâneos de produção de verdade. Conforme argumenta Foucault (2014), a verdade não é exterior ao poder, mas produzida por ele, uma lógica que se atualiza no ambiente digital, onde algoritmos, engajamento e autoridade simbólica moldam o que é visível, crível e compartilhável.

3.7.1 Narrativas de exclusão: da inquisição ao engajamento algorítmico

No Capítulo I, evidenciou-se como o Estado e a Igreja, ao longo da história brasileira, atuaram como instituições produtoras de “verdades oficiais”, classificando as práticas religiosas de matriz africana como heréticas, criminosas ou demoníacas. Essa lógica de exclusão simbólica, embora historicamente situada, não se encerra no período colonial. Ela se reconfigura nas plataformas digitais contemporâneas, que passam a operar como novos dispositivos de validação discursiva. A partir da perspectiva de Foucault, os algoritmos podem ser compreendidos como tecnologias de poder que organizam o saber e produzem efeitos de verdade, atualizando mecanismos de controle e legitimação no ambiente digital (Foucault, 2014).

O que se tornou visível foi que conteúdos que geram maior engajamento, como o vídeo do padre Paulo Santos, tendem a ser priorizados pelos algoritmos das plataformas digitais. Esse favorecimento algorítmico resulta em taxas de visualização significativamente superior à média dos demais conteúdos religiosos analisados, evidenciando o papel das plataformas na amplificação de determinadas narrativas. Ainda que o vídeo do padre Paulo tenha sido o ponto de partida da análise, o foco principal recaiu sobre os comentários gerados por esse conteúdo. A análise desses comentários revelou padrões de recepção marcados por forte carga emocional, polarização e, em muitos casos, pela reprodução de discursos intolerantes.

Na etapa exploratória, também foram considerados vídeos de outros produtores de conteúdo religioso, como o pastor Eliseu Lustosa e a influenciadora evangélica Michelle Dias Abreu, cujos discursos associavam a tragédia no Rio Grande do Sul a práticas religiosas de matriz africana, mobilizando termos como “bruxaria” e “satanismo”. A análise descritiva dos comentários nesses vídeos reforça a percepção de que conteúdos com forte apelo simbólico tendem a gerar maior visibilidade e engajamento, contribuindo para a disseminação de interpretações religiosas específicas sobre eventos trágicos e para a legitimação simbólica de discursos intolerantes.

Aquilo que se toma como verdade no espaço digital nem sempre se ancora em fatos, mas frequentemente em narrativas reiteradas que ganham força pela repetição e pela adesão coletiva. No contexto da análise realizada (Capítulo II), observou-se que termos como “satanismo”, “bruxaria” e “macumba” estiveram presentes em 17,9% dos comentários examinados. Essas expressões, longe de serem meramente descritivas, funcionam como marcadores simbólicos de culpa e desumanização, sendo mobilizadas para reforçar estigmas e legitimar discursos de intolerância.

A frequência com que esses termos aparecem evidencia um processo de naturalização dessas narrativas no ambiente digital, onde preconceitos históricos são ressignificados e incorporados ao senso comum das interações online. Tal fenômeno revela não apenas a persistência de imaginários sociais excludentes, mas também a forma como o discurso intolerante se adapta e se reproduz nas dinâmicas comunicacionais contemporâneas.

Catarina Ferreira (2020) destaca que, nas redes sociais, a repetição de discursos de ódio e intolerância contribui para a construção de “verdades” simbólicas

que desumanizam o outro e reforçam hierarquias sociais. Nesse sentido, o ambiente digital não apenas reflete, mas também amplifica estruturas de poder e exclusão, tornando urgente a análise crítica dessas práticas discursivas.

Nesse cenário, reforça-se a capacidade dos discursos intolerantes de se consolidarem como verdades compartilhadas, especialmente quando sua repetição se articula à autoridade simbólica de figuras religiosas e ao potencial de viralização das redes sociais. A força dessas narrativas não reside apenas em seu conteúdo, mas na forma como são reiteradas, legitimadas e amplificadas por vozes que ocupam posições de influência no espaço público digital.

Nesse processo, discursos excludentes deixam de ser compreendidos como manifestações isoladas de opinião individual e passam a operar como consensos simbólicos, moldando percepções coletivas e influenciando o imaginário social. Muitas vezes, essas ideias são aceitas e reproduzidas sem que se questione sua origem, seus fundamentos ou suas consequências, o que contribui para a sua consolidação como verdades aparentemente incontestáveis. Assim, o ambiente digital não apenas reproduz, mas também intensifica estruturas discursivas que sustentam a exclusão e a marginalização de determinados grupos sociais.

3.7.2 A naturalização do preconceito: repetição, autoridade e ambiguidade

A análise do corpus revelou três mecanismos centrais que contribuem para a legitimação e naturalização de discursos intolerantes no ambiente digital: repetição, autoridade e ambiguidade.

Tabela 14 – Mecanismos centrais

Mecanismo	Exemplo no Corpus	Efeito Social
Repetição	Uso reiterado de termos como “macumba” e “castigo divino”	Associação entre religiões afro-brasileiras e tragédias naturais, reforçando estigmas históricos (Orlandi, 2009)
Autoridade	Discurso emitido por figuras religiosas reconhecidas	Legitimação simbólica e institucional do preconceito.
Ambiguidade	Comentários com eufemismos religiosos ou linguagem indefinida	Mascaramento do preconceito sob a aparência de opinião ou expressão de fé

Fonte: Elaborado pela autora

Esses mecanismos operam de forma interligada, contribuindo para que discursos de intolerância deixem de ser percebidos como manifestações individuais e passem a funcionar como consensos simbólicos. A repetição constante de determinadas expressões, quando associada à autoridade de quem as profere e à ambiguidade de sua formulação, favorece a aceitação social dessas narrativas, muitas vezes sem que se questione sua origem ou implicações.

Esse processo de legitimação discursiva contribui para a construção de um imaginário coletivo em que o preconceito é naturalizado e, por vezes, até mesmo defendido como expressão legítima de fé ou opinião. Ao se disseminarem nas redes sociais, essas narrativas ganham força e visibilidade, moldando percepções e reforçando estruturas simbólicas de exclusão.

3.7.3 Blindagem simbólica e algorítmica do discurso intolerante

A análise apresentada no Capítulo II revela uma contradição evidente: conteúdos que violam princípios constitucionais, como a liberdade religiosa e a dignidade da pessoa humana, continuam circulando nas redes sociais sob a

justificativa de “liberdade de expressão religiosa”. Esse cenário aponta para um fenômeno em que determinados discursos, especialmente os de cunho religioso, passam a ocupar uma espécie de zona de exceção nos processos de moderação de conteúdo.

Quando proferidos por figuras com autoridade simbólica, esses discursos ganham uma camada adicional de proteção, tornando-se menos suscetíveis à crítica pública ou à responsabilização institucional. Expressões como “castigo divino” ou “Deus está punindo”, mesmo quando associadas a tragédias naturais e a acusações contra religiões de matriz africana, frequentemente escapam aos filtros automatizados das plataformas. A linguagem religiosa, nesse contexto, funciona como um escudo discursivo, dificultando a identificação do preconceito e sua responsabilização ética ou jurídica.

Essa blindagem simbólica revela uma assimetria preocupante: enquanto vozes de grupos historicamente marginalizados são frequentemente silenciadas ou invisibilizadas, discursos intolerantes ganham legitimidade justamente por estarem revestidos de religiosidade. O ambiente digital, portanto, não apenas reproduz essas desigualdades, mas também as reforça, ao permitir que determinadas formas de intolerância se apresentem como expressões legítimas de fé ou opinião.

Ainda que episódios como o do padre, denunciados por intolerância religiosa, ganhem visibilidade momentânea, eles não representam uma mudança estrutural. Na prática, discursos que ferem a dignidade de grupos religiosos minorizados continuam sendo reproduzidos e naturalizados, muitas vezes sob o manto da fé e da liberdade de expressão.

3.7.4 Entre o sagrado e o algorítmico

A produção de verdade no ambiente digital está longe de ser neutra. Ela é atravessada por lógicas técnicas (como os algoritmos), simbólicas (como a autoridade religiosa) e afetivas (como o engajamento emocional), que influenciam diretamente o que é amplificado, o que é silenciado e o que é legitimado nas plataformas. Nesse cenário, a intolerância religiosa não apenas encontra espaço para se manifestar, mas muitas vezes é reforçada por essas dinâmicas invisíveis.

Como foi possível observar ao longo deste capítulo, o espaço digital se apresenta como um território de disputa simbólica, onde o sagrado e o algorítmico se

entrelaçam de maneira ambígua e, muitas vezes, desigual. As dinâmicas que moldam esse ambiente não apenas refletem, mas também reforçam estruturas de poder que impactam diretamente a forma como discursos são legitimados ou silenciados.

Diante desse cenário, esta pesquisa reafirma o papel ético e político do conhecimento acadêmico: contribuir para o desmonte de verdades naturalizadas, questionar os discursos que se impõem como universais e colaborar, com responsabilidade crítica e sensibilidade social, para a construção de um ambiente digital mais justo, plural e comprometido com os direitos humanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A presente pesquisa evidenciou que os discursos de intolerância religiosa contra religiões de matriz africana, longe de serem fenômenos isolados ou recentes, constituem atualizações de um processo histórico de estigmatização profundamente enraizado no imaginário social brasileiro. A tragédia climática ocorrida no Rio Grande do Sul, em 2024, funcionou como catalisador para a emergência e amplificação desses discursos nas plataformas digitais, revelando como eventos de comoção pública podem ser instrumentalizados para reforçar preconceitos e narrativas excludentes.

No Capítulo I, foi construído um panorama histórico que revela como as religiões afro-brasileiras foram, desde o período colonial, alvo de perseguição sistemática. Essas tradições foram associadas, de forma preconceituosa, à bruxaria, ao satanismo e à desordem moral, numa tentativa de deslegitimar saberes ancestrais e espiritualidades. Essa marginalização não ocorreu de forma isolada, mas esteve profundamente entrelaçada ao racismo estrutural que atravessa a sociedade brasileira. Ainda que avanços legais tenham sido conquistados, como a garantia da liberdade religiosa na Constituição de 1988, os estigmas construídos historicamente continuam presentes nas representações sociais, nas práticas cotidianas e, de maneira cada vez mais visível, nas mídias tradicionais e digitais. Trata-se de uma herança simbólica que, embora formalmente superada no plano jurídico, segue viva e operante no imaginário coletivo.

O Capítulo II aprofundou a observação dos dados coletados a partir dos comentários gerados pelo vídeo do padre Paulo Santos, no qual a tragédia no Rio Grande do Sul foi associada à presença de religiões de matriz africana. A análise de mais de 1.500 comentários revelou um cenário de forte polarização, com expressiva presença de discursos de ódio, xingamentos e interpretações religiosas moralizantes. A utilização de ferramentas de inteligência artificial, aliada à análise qualitativa, permitiu mapear padrões discursivos, identificar categorias temáticas e compreender como a intolerância se manifesta, se disfarça e se legitima no ambiente digital.

Já o Capítulo III promoveu uma articulação entre os dados históricos e os resultados obtidos a partir da análise dos comentários nas plataformas digitais,

evidenciando que o ambiente online não apenas reflete, mas também intensifica as dinâmicas de exclusão simbólica. A investigação demonstrou que os algoritmos das plataformas digitais favorecem conteúdos polarizadores, contribuindo para a rápida disseminação de discursos intolerantes. Além disso, observou-se o papel de figuras religiosas como agentes de legitimação simbólica, cujas falas, mesmo quando carregadas de preconceito, são frequentemente protegidas sob o argumento da liberdade de expressão religiosa.

Um dos aspectos mais preocupantes revelados pela análise é a recirculação dos discursos intolerantes no ambiente digital. Esses discursos não apenas reaparecem, mas são constantemente reconfigurados, reforçados e legitimados por meio de interações em cadeia, especialmente nos comentários e subcomentários que reiteram visões excludentes. A lógica algorítmica das plataformas contribui para esse processo, amplificando conteúdos que geram engajamento, mesmo quando baseados em preconceito e desinformação. Assim, o ambiente digital não apenas reflete, mas intensifica estruturas históricas de exclusão, contribuindo para sua naturalização no imaginário coletivo.

Diante desse cenário, torna-se ainda mais urgente compreender o ambiente digital como um território de disputa simbólica, onde verdades são construídas, crenças são reforçadas e preconceitos são reciclados e ressignificados. A intolerância religiosa, especialmente aquela dirigida às religiões de matriz africana, não pode ser reduzida a uma simples divergência de opinião ou interpretação teológica. Trata-se de uma forma de violência simbólica que fere direitos fundamentais, perpetua desigualdades históricas e compromete os princípios de uma sociedade verdadeiramente plural e democrática. Reconhecer essa realidade é o primeiro passo para enfrentá-la com responsabilidade ética, sensibilidade social e compromisso com a justiça.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA BRASIL. Chuvas já mataram 163 pessoas no Rio Grande do Sul. **Agência Brasil**, 2024. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2024-05/chuvas-ja-mataram-163-pessoas-no-rio-grande-do-sul>. Acesso em: 10 ago. 2024.

AGÊNCIA DO SENADO. Intolerância religiosa ainda é desafio à convivência democrática. **Agência Senado**, 2013. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/materias/2013/04/16/intolerancia-religiosa-e-ainda-e-desafio-a-convivencia-democratica>. Acesso em: 15 ago. 2024.

AGÊNCIA DO SENADO. Racismo religioso cresce no país, prejudica negros e corrói democracia. **Agência Senado**, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/racismo-religioso-cresce-no-pais-prejudica-negros-e-corroi-democracia>. Acesso em: 12 fev. 2025.

ARAUJO, Luis Antonio. Por que o Rio Grande do Sul tem maior percentual de adeptos de religiões de matriz africana no Brasil. **BBC News Brasil**, Porto Alegre, 2024. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/articles/c06kd76587yo>. Acesso em: 5 jan. 2025.

BASTIDE, Roger. **As religiões africanas no Brasil**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 1971.

BASTIDE, Roger. **O candomblé da Bahia: rito nagô**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1974.

BARBOSA, Osmar. **Umbanda para iniciantes**. São Paulo: Book Espírita, 2019. Disponível em: https://books.google.com/books/about/Umbanda_para_iniciantes.html?id=iyGpDwAAQBAJ. Acesso em: 13 jul. 2025.

BELLO, Roberto Araújo; SÁ, Celso Pereira de; JODELET, Denise. A representação social e a eficácia das práticas de cura na umbanda e afins no Rio de Janeiro. In: ZANELLA, A. V. (org.). **Psicologia e práticas sociais**. Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais, 2008. p. 229–236. Disponível em: <https://books.scielo.org/id/886qz/pdf/zanella-9788599662878-22.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2025.

BERKENBROCK, Volney José. **Religião e religiosidade: aproximações e distinções**. Belo Horizonte: Editora Religare, 2012.

BERKEMBROK, Volney José. **A relação da Igreja Católica com as religiões afro-brasileiras**. Belo Horizonte: Editora Religare, 2012.

BILLINGS, Andrew C.; PARROTT, Scott. **Media Stereotypes: From Ageism to Xenophobia**. New York: Peter Lang Publishing, 2020.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, DF: Senado Federal, 1988. Art. 5º, inciso VI.

BRASIL. **Constituição (1988)**. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Senado Federal, 1988.

BRASIL. **Decreto-Lei nº 2.848, de 7 de dezembro de 1940**. Institui o Código Penal. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, 31 dez. 1940.

BRASIL. **Disque Direitos Humanos – Relatório Nacional 2023**. Brasília: Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, 2023.

BRASIL. **Lei nº 14.519, de 5 de janeiro de 2023**. Institui o Dia Nacional das Tradições das Raízes de Matrizes Africanas e Nações do Candomblé. Diário Oficial da União: seção 1, Brasília, DF, ano 160, n. 4, p. 1, 6 jan. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/L14519.htm. Acesso em: 8 jul. 2025.

BRASIL. **Senado Federal**. Intolerância religiosa é crime de ódio e fere a dignidade. Brasília: Senado Federal, 2013. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/especiais/especial-cidadania/intolerancia-religiosa-e-crime-de-odio-e-fere-a-dignidade>. Acesso em: 8 jul. 2025.

BRASIL DE FATO. Instituições têm dificuldade de entender espaço terreiro religioso. **Brasil de Fato**, 21 abr. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/04/21/instituicoes-tem-dificuldade-de-entender-o-espaco-de-terreiro-como-espaco-religioso-afirma-babalorixa>. Acesso em: 12 dez. 2024.

CAMARGO, Marcos Henrique. **Umbanda, cultura e comunicação**: olhares e encruzilhadas. São Paulo: Syntagma, 2019.

CARNEIRO, Abimael Gonçalves. **Intolerância religiosa contra as religiões afro-brasileiras**: uma violência histórica. São Luís: IX Jornada Internacional de Políticas Públicas, 2019.

CENSO 2022. **Religiões**: Resultados preliminares da amostra. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3f1708b5d315aca50d5a7d8764469c45.pdf. Acesso em: 26 jun. 2022

CONCÍLIO VATICANO II. **Declaração Nostra Aetate sobre a relação da Igreja com as religiões não-cristãs**. Vaticano, 28 out. 1965. Disponível em: https://www.vatican.va/archive/hist_councils/ii_vatican_council/documents/vat-ii_decl_19651028_nostra-aetate_po.htm. Acesso em: 9 jul. 2025.

FEDERAÇÃO ESPÍRITA BRASILEIRA - FEB. **História do espiritismo**. Disponível em: <https://www.febnet.org.br/blog/geral/o-espiritismo/historia-do-espiritismo/>. Publicado em: 5 jun. 2012. Acesso em: 15 jun. 2021.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Dicionário Aurélio online**. Curitiba: Positivo. Disponível em: <https://www.dicionariodoaurelio.com>. Acesso em: 8 jul. 2025.

FERREIRA, Catarina Alexandra Gomes. **Discursos de ódio nas redes sociais: da desumanização à radicalização**. 2020. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e da Saúde) – Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2020.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GIUMBELLI, Emerson. **A presença da Igreja Universal do Reino de Deus no espaço público brasileiro: liberdade religiosa, fora do lugar?** Paper apresentado na XXVI Conferência Sociedade Internacional de Sociologia das Religiões. Ixtapan de La Sal, México, 20-24 ago. 2001.

GOMES, Adriana. Política, cura e religião: o Reformador e o artigo 157 das leis penais de 1890. **Revista Ágora**, v. 32, n. 1, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/agora/article/view/34160>. Acesso em: 13 jul. 2025.

GOFFMAN, Erving. **Estigma: notas sobre a manipulação da identidade deteriorada**. Tradução de Márcia Bandeira de Mello Leite Nunes. Rio de Janeiro: LTC, 2013.

GUIMARÃES, Alexandre. **Intolerância religiosa**. São Paulo: Moderna, 2004.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Religiões no Brasil – Censos 2010 e 2022**. Coordenação Técnica do Censo Demográfico. 2023. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/media/com_mediaibge/arquivos/3f1708b5d315aca50d5a7d8764469c45.pdf. Acesso em: 26 jun. 2024.

INSTITUTO DE PESQUISA ECONÔMICA APLICADA (IPEA). Disponível em: <https://www.ipea.gov.br>. Acesso em: 10 out. 2024.

IPEA. **Intolerância Religiosa no Brasil: Dados e Análises**. Rio de Janeiro: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada, 2022.

ISTOÉ. **Intolerância religiosa**. Publicado em: 18 ago. 2009. Disponível em: <https://istoe.com.br/tag/intolerancia-religiosa>. Acesso em: 18 jun. 2021.

LUSTOSA, Elizeu. vazou: mega cemitério para macumba no rio grande do sul "depois não reclamam o porquê das enchentes". **Youtube**, 2024. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=yk6cc3_7fr8. Acesso em: 3 out.2024.

MARIANO, Ricardo. **Pentecostais em ação: a demonização dos cultos afro-brasileiros**. 1. ed. São Paulo: Edusp, 2015. Acesso em: out. 2024.

MAXQDA. Disponível em: <https://www.maxqda.com>. Acesso em: 10 out. 2024.

OLIVEIRA, Caroline. No dia de combate à intolerância religiosa há “pouco a comemorar”, diz liderança. **Brasil de Fato**, 21 jan. 2021. Disponível em:

<https://www.brasildefato.com.br/2021/01/21/no-dia-de-combate-a-intolerancia-religiosa-ha-pouco-a-comemorar-diz-lideranca>. Acesso em: 18 jun. 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Declaração sobre a eliminação de todas as formas de intolerância e discriminação fundadas na religião ou nas convicções**. Nova York, 1981. Disponível em: <https://www.ohchr.org/pt/instruments-mechanisms/instruments/declaration-elimination-all-forms-intolerance-and-discrimination>. Acesso em: 8 jul. 2025.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Análise de discurso**: princípios e procedimentos. Campinas: Pontes Editores, 2009.

PADRE vira alvo do MPF por intolerância religiosa após dizer que RS abraçou a bruxaria e o satanismo. **Youtube, Canal UOL**, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=otu8FHhz5Yw>. Acesso em: 9 jul.2025.

PEIXOTO, Jean. Casos de intolerância religiosa aumentaram 250% em três anos no RS. **GZH**, 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2024/02/casos-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-250-em-tres-anos-no-rs-clrtt8arh005a013f9xxpwmrv.html>. Acesso em: 5 fev. 2025.

PINTO, Arthur da Silva; MARIM, Caroline Izidoro. Religiões afro-brasileiras enquanto objeto de resistência. **Revista de Cultura Teológica**, 2020. Disponível em: <https://www.academia.edu/42800457>. Acesso em: 11 jul. 2025.

PONTES, Guilherme de Sá. **Transformações das religiosidades negras no Brasil**: a contribuição da umbanda iniciática em Francisco Rivas Neto. 2012. 153 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2012. Disponível em: <https://tede2.pucgoias.edu.br/handle/tede/4838>. Acesso em: 13 jul. 2025.

RAMASUBRAMANIAN, Srividya; MURPHY, Sheila T. The impact of stereotypical versus counter-stereotypical media exemplars on racial attitudes, causal attributions, and policy endorsements. **Journal of Communication**, v. 64, n. 1, p. 103–122, 2014. DOI: 10.1111/jcom.12068.

REINHOLZ, Fabiana. ‘Instituições têm dificuldade de entender o espaço de terreiro como espaço religioso’, afirma babalorixá. **Brasil de Fato**, Porto Alegre, 21 abr. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2024/04/21/instituicoes-tem-dificuldade-de-entender-o-espaco-de-terreiro-como-espaco-religioso-afirma-babalorixa/>. Acesso em: 20 maio 2025.

RIVAS NETO, Francisco. **Teologia de Umbanda Sagrada**. São Paulo: Madras, 2002.

ROCHA, José Geraldo da. A intolerância religiosa e religiões de matrizes africanas no Rio de Janeiro. **Revista África e Africanidades**, ano IV, n. 14/15, ago./nov.

2011. Disponível em: <https://africaeaficanidades.com.br/documentos/14152011-05.pdf>. Acesso em: 13 jul. 2025.

RIBEIRO, Wesley dos Santos. **Intolerância religiosa e violência, frente às práticas religiosas no Brasil, no século XXI**. 2016. 192 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) – Programa de Pós-Graduação em Ciências da Religião, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2016.

SANTOS, Paulo. Tragédia do Rio Grande do Sul. **YouTube**, 2024. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=otu8FHhz5Yw>. Acesso em: 8 maio. 2024.

SANZ, Wagner de Campos. Discriminação, preconceitos e intolerância. In: MORAES, C. C. P.; LISBOA, A. S.; OLIVEIRA, L. F. (Orgs.). **Educação para as relações étnico-raciais**. Goiânia: FUNAPE: UFG/CIAR, 2012.

SECRETARIA ESPECIAL DE DIREITOS HUMANOS (SDH). **Relatório sobre intolerância e violência religiosa no Brasil (2011-2015)**: resultados preliminares. Ministério das Mulheres, da Igualdade Racial, da Juventude e dos Direitos Humanos; organização: Alexandre Brasil Fonseca, Clara Jane Adad. Brasília: SDH/PR, 2016.

SILVA, Vagner Gonçalves da. **Intolerância religiosa**: impactos do neopentecostalismo no campo religioso afro-brasileiro. 1. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2007.

SILVA JUNIOR, Hédio. Intolerância religiosa e direitos humanos. In: SANTOS, Ivanir dos; FILHO, Astrogildo Esteves (Orgs.). **Intolerância religiosa x democracia**. Rio de Janeiro: CEAP, 2009.

SOARES, R. L. Narrativas da notícia: jornalismo e estigmas sociais. **Revista Animus**, v. 3, n. 1, 2004.

SOUZA, R. M. de; SILVA, M. R. Estereótipos associados à religiosidade afro-brasileira nas narrativas jornalísticas cariocas na década de 1920. **Mídia e Cotidiano**, Niterói, v. 15, n. 2, p. 256-280, 2021. Disponível em: <https://doi.org/10.22409/rmc.v15i2.47290>. Acesso em: 26 maio. 2025.

SSP-RS. **Relatório Anual de Ocorrências de Intolerância Religiosa – 2023**. Porto Alegre: Secretaria de Segurança Pública do Rio Grande do Sul, 2023.

TRINDADE, Luiz Valério P. **Discurso de ódio nas redes sociais**. São Paulo: Jandaíra, 2022. (Coleção Feminismos Plurais).

VERGER, Pierre. **Os Orixás**: deuses iorubás na África e no Novo Mundo. Tradução de Maria Aparecida da Nóbrega. Salvador: Corrupio, 1981.

WESTIN, Ricardo. Racismo religioso cresce no país, prejudica negros e corrói democracia. **Agência Senado**, 2023. Disponível em: <https://www12.senado.leg.br/noticias/infomaterias/2023/03/racismo-religioso-cresce-no-pais-prejudica-negros-e-corroi-democracia>.

WIKIPEDIA. **Pesquisa sobre Gabriel Malagrida.** Disponível em: https://pt.wikipedia.org/wiki/Gabriel_Malagrida. Acesso em: 10 fev. 2025.

ZERO HORA. Casos de intolerância religiosa aumentaram. **Zero Hora**, 2024. Disponível em: <https://gauchazh.clicrbs.com.br/seguranca/noticia/2024/02/casos-de-intolerancia-religiosa-aumentaram-250-em-tres-anos-no-rs-clrtt8arh005a013f9xxpwmrv.html>. Acesso em: 20 jan. 2025.